

O SOCIALISMO E AS MINORIAS: REGISTRO DE UM DEBATE SINGULAR



DEBATE COM PAUL SINGER, MAURÍCIO TRAGTEMBERG E DULCE PEREIRA

MAURÍCIO WALDMAN (Coordenação)



EDITORA KOTEV

O SOCIALISMO E AS MINORIAS: NOTAS SOBRE UM DEBATE SINGULAR ¹

MAURÍCIO WALDMAN ²

Sentenciou o filósofo romano Sêneca em *Sobre a Brevidade da Vida*, que não haveria nada que a longa passagem dos anos não destruísse ou não desordenasse. Contudo, asseverava também que o valor do conhecimento, quando consagrado pela verdade profunda dos homens, somente seria ampliado com a lenta passagem do tempo.

Assim, passados trinta anos do evento patrocinado em Agosto de 1987 pela Comissão de Assuntos Judaicos do PT, que reuniu numa mesma mesa de debates Dulce Pereira, Paul Singer e Maurício Tragtemberg ³, intelectuais com projeção e trajetória social relevante para o debate da questão racial, seria o caso de aquilatar o acontecimento, suas prédicas e expectativas, tendo por intenção, é claro, não desmerecer a dita do grande filósofo romano.

Três décadas se passaram e muitas foram as mudanças verificadas no país e na sociedade global. Claro está, estas transformações impactaram a forma como entendemos e reagimos quanto ao temário dos direitos e mobilizações das etnias, povos e culturas, que no Brasil e no mundo, incorporaram novos sentidos e significados.

Do mesmo modo, estas determinações igualmente contribuíram para opções e escolhas por parte dos atores deste debate. Afinal, vaticinava o pensador grego Heráclito de Éfeso, não se atravessa um mesmo rio por duas vezes. Isto porque a mudança é incessante e universal. Conclusão: mudam os rios, mudam as pessoas.

Nesta sequência, a título de informação, anote-se que o autor deste prefácio exerceu o papel de Coordenador da Comissão de Assuntos Judaicos do PT, uma dentre variadas performances de uma militância intensa e profícua, atuação iniciada em 1986 e finalizada em 1992, quando por conta de objeções irreconciliáveis com este partido, foi encaminhada a carta de desfiliação.

Com certeza, tudo isso sugere uma perspectiva impregnada de moto-próprio na avaliação que segue. Porém, nada disso mais configuraria do que a eterna desarrumação das coisas à qual alude Sêneca, e talqualmente, a natureza elucidadora do fruir do tempo.

A mais ver, critérios heterogêneos de valor geram diferentes interpretações do que ponderamos. Todavia, nada no sortido conjunto de leituras com as quais interagimos retira o valor singular de uma experiência específica. Com relação a isso, um ponto de vista será o que sempre foi: um ponto de vista. Melhor: uma perspectiva a ser levada em consideração.

Pois então, circunscrevendo um marco interpretativo para o debate *O Socialismo e as Minorias*, um lastro matricial se impõe: de um modo ou de outro, mesmo que sob as mais diversas roupagens, a transcrição das falas, apontamentos e das narrativas se mostra empapada pelo estado de espírito reinante no PT no final dos anos 1980, pano de fundo que situa os pressupostos que animaram a exposição dos debatedores e as intervenções procedentes do plenário.

Sendo este o *zeitgeist* por excelência, o eixo dos discursos não poderia ser outro que não uma agenda marcada pelo claro convite à ruptura frente ao *status quo* que tipificava o cenário social, político e partidário do país no período, roteiro ao qual os depoimentos introjetam apensos relacionados às relações interétnicas.

Trata-se de um tema que por sinal, infelizmente desfruta de atualidade em razão da persistência da fabulação da “democracia racial”, conceito ungido por um imaginário em tudo questionável como estaca fundante da nacionalidade.

Neste sentido, levando-se em consideração a conjuntura vivida nos anos 1980, duas pontuações se fazem necessárias quanto ao desenrolar aos acontecimentos que nas três décadas que se seguiram a este debate transformaram radicalmente a fisionomia política do PT e do que comumente é classificado como “esquerda”:

1. Um ponto axial refere-se ao distanciamento do PT dos objetivos originais que nortearam a fundação e os primeiros passos da agremiação na arena política brasileira. No que a passagem dos anos se encarregou em explicitar, as transformações ocorridas no PT foram de tal monta que se tornou difícil (ou mesmo muito difícil), assegurar que esta agremiação filie-se efetivamente no espectro da esquerda. Entendê-lo como partido revolucionário se tornou então uma aferição exclusiva de uma averbação alucinada. De qualquer modo, e no que interessa ao foco deste texto, o que transparece de modo inquestionável é que o PT não mantém mais nenhuma proximidade com uma plataforma afeita a discutir e muito menos alterar efetivamente as contraditórias relações interétnicas e raciais que perpassam de alto a baixo pelo edifício político e social do país.

2. No plano internacional, destaca-se a derrocada do bloco soviético em 1991, que aparte um longo cabedal de repercussões geopolíticas e econômicas, constituiu de igual modo a fragilização de antagonismos tradicionalmente fundados em oposições de ordem político-ideológicas. Este dado, somado à ausência gritante de um projeto econômico orgânico por parte da esquerda - aliás, lacuna axial numa realidade global na qual a esfera da economia é virtualmente hegemônica -, terminou por exaltar a questão das identidades étnicas, raciais e nacionais. Haveria que ser sublinhado: mesmo que atado inextricavelmente com dessimetrias econômicas globais, o mote étnico e cultural foi alçado a um foro próprio, tornando-se tema indissociável da ordem global que irrompe com o dobre de finados do mundo bipolar.

Sendo esta a premissa dominante num mundo que unificado pela globalização, seguiu acintosamente fragmentado (tendência esta que por sinal, se acentua a cada dia), nada mais óbvio concluir do que uma vez zerada a crispação ideológica Leste-Oeste, que a questão étnica e cultural conquistasse relevância cada vez mais incisiva nos conflitos que se difundiram pelo espaço global.

Nesta lógica, com o ocaso de antagonismos tradicionalmente apoiados em divergências de ideologia, se durante o Século XX a certificação essencial reportava à posição das pessoas, partidos ou sociedades diante dos projetos políticos, após 1991 nexos culturais identitários dos grupos, povos e cidadãos passaram a usufruir papel de proa.

Dito de outro modo, se classicamente o importante era saber *Qual é o seu lado?* (esquerda ou direita, progressista ou reacionário, pró ou anti-imperialismo, etc.), hoje a pergunta é: *Quem você é?* (branco ou negro, judeu ou árabe, chinês ou tibetano, italiano do norte ou do sul, etc.).

Certamente este tipo de problemática não deve - e sequer permite - omitir a questão da continuidade das crispações econômicas, políticas e sociais. Todavia, é evidente que *a questão da identidade*, na coleção de variáveis indexadas à conceituação, conquistou formidável centralidade no imaginário social do mundo globalizado.

Neste sentido, goste-se ou não da expressão “choque das civilizações”, definição lançada pela obra do cientista político conservador Samuel Huntington, não é a toa que este *motto* foi popularizado a partir do fim do Século XX.

Por esta via, que seja também ressaltado que tais construções imaginárias, em diversos momentos irresponsavelmente racializadas e etnificadas à exaustão, não se circunscrevem a meros divisionismos ou movimentos secessionistas.

Estes últimos, tipificados particularmente na Europa (e convém frisar, se trata do único continente que está redesenhando suas fronteiras com base em critérios baseados na etnicidade, reais ou míticos), são secundados por projetos políticos nacionalistas eminentemente exclusivistas, baseados na exaltação de um poder étnico nos quais um preocupante viés racista tem uma tônica particularmente perigosa.

Neste sentido, revisitando o debate consignado em *O Socialismo e as Minorias*, é mister considerar o quanto a esquerda falhou no trabalho político com a questão étnica. Rubrique-se que o debate travado por Dulce Pereira, Paul Singer e Maurício Tragtemberg transcorre em 1987, poucos anos antes da *débâcle* final do Leste Europeu. *Mutatis mutandis*, anote-se que Maurício Tragtemberg foi o único dos expoentes a antecipar o quanto tal problemática terminaria irresoluta nos marcos dos regimes socialistas.

Embora a filiação intelectual de Tragtemberg, um militante socialista apaixonadamente libertário, seja questionada por círculos ortodoxos ou então, objeto de reparos por parte daqueles que, como o autor deste prefácio, mostram inclinação por posturas próximas da *realpolitik*, é indiscutível que a premissa endossada por Tragtemberg, qual seja, a de vincular as diversas modalidades de exclusão com a atuação das *estruturas verticais de poder*, são condizentes como ferramenta de análise crítica, eficientes na decifração das contradições que rondam as sociedades numa acepção geral e as da esquerda na sua inserção particular.

É desta forma que alcançamos 2017 exatamente como de certo modo como foi previsto por Tragtemberg: a persistência de tensões com as minorias nos países dantes governados por burocracias comunistas, agora maximizados na forma de conflitos de baixa intensidade ou guerras abertas entre diferentes povos e grupos étnicos, fenômeno cujo matiz radicalizado não pode ser desconectado da longa trajetória de erros e equívocos sucessivos da experiência do Leste Europeu.

No Brasil, aparte medidas cosméticas e paliativas que, na perspectiva da continuidade dos lamentáveis indicadores sociais, econômicos e educacionais que não foram alterados pelas administrações Lula e Dilma Rousseff - cujos mandatos estavam edulcorados por afetações mudancistas -, estas demonstraram-se manifestadamente inócuas na alteração do quadro de exclusão racial que caracteriza a vida brasileira.

De igual maneira, foram também inoperantes na senda de edificar uma democracia racial real, substantivando na ótica expressa por este prefácio, um manifesto fracasso do PT em desconstruir modelos políticos patrimonialistas, autoritários e excludentes, os mesmos que estão na raiz da questão racial no país, que persevera numa trágica trajetória prenhe de malfeitos e infelicidades. A sociedade brasileira se mantém racista, ainda que multirracial.

É assim que, buscando sumarizar elementos entendidos como centrais na prisma de uma reavaliação do debate *O Socialismo e as Minorias* que este prefácio, resguardadas as devidas proporção de questões muito profundas, e que portanto seriam merecedoras de comentários bem mais amplos e detalhados, procura ao menos posicionar-se de um quadro político, econômico e racial que permanece manifestadamente disfuncional.

Esta realidade prognostica cenários ainda mais perturbadores diante da crise colossal que a sociedade brasileira tem como dilema matricial e que esperamos, seja equacionada de modo a garantir um futuro melhor a todos os seus cidadãos, independentemente de raça, gênero, cultura, religião e opção sexual.

Esta perspectiva é o mínimo que nós brasileiros, povo marcado pela mestiçagem, vivendo sob pródigas e maravilhosas interações entre uma múltipla gama de povos, raças, religiões e culturas, coerentemente almejamos.

E assim sendo, que a leitura de *O Socialismo e as Minorias* possa contribuir para pavimentar a retomada deste debate essencial.

Maurício Waldman
São Paulo, Junho de 2017

O SOCIALISMO E AS MINORIAS - TRANSCRIÇÃO DO DEBATE

Maurício Waldman (Coordenação): Iniciaremos agora o segundo tema do Ciclo de Debates promovido pela Comissão de Assuntos Judaicos do PT: A Questão Racial e a Esquerda, versando sobre o tema O Socialismo e as Minorias. A presença de intelectuais com produção ou discussão acumulada sobre o assunto servirá para iniciar este debate, pelo que o plenário terá ampla liberdade de encaminhar as suas perguntas. Isto posto, Maurício Tragtemberg iniciará sua exposição.

Maurício Tragtemberg: O tema relativo às minorias para os partidos tradicionais de esquerda não é muito discutido. Percebemos também que estes partidos não têm uma posição muito definida a respeito do assunto.

Em geral, os militantes dos sindicatos têm posição referente ao problema dos salários e sobre uma série de outras questões. Os partidos têm posição sobre problemas políticos imediatos, em termos de classes e grupos sociais.

Porém, quanto ao problema das minorias, das minorias étnicas ou nacionais, não existe uma tradição de pensar esta questão de maneira mais profunda.

Esta é uma fraqueza da chamada esquerda institucionalizada, no sentido de que justamente o que ela às vezes tem de agilidade em termos de colocação dos problemas econômicos, sociais e políticos, não tem a necessária correspondência quanto às minorias.

Na realidade, a esquerda é profundamente retardatária e profundamente iluminista em relação ao que se chamaria de minorias nacionais ou étnicas. Isto, acredito eu, prejudica não só as minorias como compromete inclusive a própria esquerda, que fica totalmente desarmada ante um problema deste tipo.

É muito comum na esquerda subsumirem-se todos os problemas em termos econômicos e políticos, em termos de raízes de classe e neste esquema, o problema nacional muitas vezes não é devidamente situado.

O que eu quero dizer é o seguinte: conhecemos o caso soviético, em que ou bem ou mal se tentou uma mudança social, em que se tratou de tudo e quando chegou a hora do problema nacional, muitas questões não estavam nada resolvidas.

A Rússia czarista era um império no qual os russos, embora demograficamente expressivos, constituíam uma minoria. O país contava com uma grande população muçulmana e com problemas nacionais também atingindo os judeus, ucranianos, os quirquizes e os tártaros da Crimeia.

Este problema inclusive é atual, pois os tártaros chegaram a fazer, sob o regime de Mikhail Gorbachev ⁴, uma passeata reivindicando o direito a um território, do qual foram privados no período de Stálin, de maneira brutal e autoritária, medida baseada na transferência forçada dos tártaros crimeanos com base em falsas identificações de que teriam auxiliado os nazistas.

Hoje, o próprio governo soviético reconhece que isto não se deu, que a acusação era falsa. Como é que fica então? O atual governo russo é muito ambíguo, Gorbachev está aí como uma espécie de Pedro, O Grande ...

E a Rússia é especialista em reformas de cima para baixo, com uma forte tradição histórica neste particular. Mikhail Gorbachev, de um lado, reconhece que a repressão aos tártaros da Crimeia foi injusta. Mas manda a polícia dissolver a manifestação, embora diga à imprensa que sem violência.

A manifestação dos tártaros foi no sentido de reivindicar um lugar, um espaço para desenvolverem sua cultura, para desenvolver sua forma de vida no que ela tem de específico, sem nisto contrariarem nenhuma proposta socialista.

Por outro lado devo ressaltar que o caso soviético deixa bem claro a hegemonia dos chamados grão russos ⁵ não só sobre os tártaros da Crimeia, mas igualmente sobre todas as nacionalidades de origem asiática, quase sempre vinculadas a uma tradição muçulmana de cultura.

Estas não dispõem de formas de expressão cultural e não tem imprensa própria. Tudo isto foi destruído sob o regime stalinista. Apesar disto, recorde-se que grupos como os tártaros da Crimeia possuem longa tradição de oposição não propriamente ao espírito socialista, mas à hegemonia de Moscou sobre a Rússia como um todo.

O caso dos tártaros não é isolado. Este fato vem dos inícios do regime comunista soviético, dos anos 1920, quando um asiático, Sultan Galiev (Figura 1), desenvolveu ante Lênin uma problemática que se tornou atual no III Mundo.



FIGURA 1 : Sultan Galiev e sua esposa Fatma Erzin, fotografados em Moscou, em 1929
(Fonte: < http://www.archive.gov.tatarstan.ru/_go/anonymous/print/?id=11693&type=article >).

Ou seja: que além dos conflitos de classes, existem conflitos entre as nações opressoras do I Mundo, ricas, sobre as pobres, que são uma entidade que se deve considerar. Entretanto, respondeu-se às colocações de Sultan Galiev com a sua expulsão do partido, condenando-o à prisão ⁶.

Isto vale igualmente, é claro, para os diversos outros grupos étnicos, caso do grupo judaico da União Soviética, que sofreu muito sob o stalinismo, cuja cultura morreu, porque não puderam cultivar sua língua, sua imprensa e suas tradições. Temos assim uma União Soviética formada de diversas repúblicas. Mas sob supremacia grã russa, que é uma das quase sessenta nacionalidades que compõem o Estado soviético ⁷.

O problema étnico também é indiscutivelmente sério. E igualmente sobre este ponto a esquerda tradicional tem política de avestruz. Em vez de enfrentar o problema e se posicionar, ela considera a questão ou como uma superestrutura ou uma divisão, um divisionismo na luta por uma sociedade sem classes, subentendendo que numa sociedade sem classes magicamente se resolveriam todos os problemas.

As coisas, no entanto, não ocorrem desta forma. Na União Soviética, africanos que foram lá estudar quase foram linchados pelo próprio “proletariado no poder”, porque namoravam moças louras, brancas e de olhos azuis. Então, é necessário alertar a esquerda, que deveria ser mais sensível a este problema, que, às vezes, as coisas não são apenas livros de Marx, são também livros de Freud, não é?

Em outras palavras, precisar-se-ia ver o que há de racista em cada um de nós. Todos nós temos uma boa imagem de nós mesmos, que somos ótimos, abertos, progressistas, até que se pergunta o que você acharia no caso de sua irmã casar com um negro. Aí, na hora da verdade, as reações são as mais inesperadas, imprevisíveis.

O que quer dizer isto? Que no fundo não podemos considerar que os problemas étnicos, que os problemas nacionais se resolvem mecanicamente pela lógica meramente economicista. Tem que existir uma educação, uma reeducação dos próprios educadores, e isto vale também para os elementos que têm uma autoimagem como de luta social e progressista e que realmente não seja fundamentada só nisto. O que é pouco.

Há uma inconsistência muito grande entre você estar em um projeto socialista e ser um tirano em sua casa, oprimindo a própria companheira. Também existe inconsistência em participar junto com todos em uma greve e discriminar o outro por causa de sua cor, chamando-o de “negro”.

Vale a pena lembrar que nem os próprios grandes teóricos da esquerda escaparam do racismo, mesmo na literatura de Marx. A bem da verdade, Karl Marx tem textos nos quais escreveu que os americanos são ótimos e que os mexicanos não passam de vagabundos.

Quando a filha de Karl Marx se casou com Paul Lafargue ⁸, que era de origem cubana, ele, como um “bom pai”, queria saber como poderia deixar sua filha nas mãos de um sujeito daquele tipo, ainda mais que ele não era tão alvo assim ...

E deve-se observar, ao mesmo tempo, que teóricos anarquistas como Mikhail Bakunin, era, na verdade, um ferrenho antissemita ⁹. Na literatura da I Internacional ele trata Marx como judeu, como se existisse relação direta entre a origem judaica de Marx e as posições ideológicas adotadas pelo adversário. Isto apesar de a própria história judaica provar que nem todo judeu é marxista, assim como nem todo marxista é judeu.

É verdade que a esquerda tem grandes teóricos a respeito dos problemas nacionais. Por exemplo, Otto Bauer, da corrente chamada de austro-marxismo ou austro-revisionismo, destacou-se com a chamada teoria da autonomia cultural ¹⁰.

Todavia, podemos citar Rosa Luxemburgo (Figura 2), de origem judaico-polonesa e que era membro destacado do movimento operário alemão. Mas que subsumia o problema das nacionalidades, considerando que, com a derrubada do capitalismo, desapareceriam os problemas nacionais.

Infelizmente a história mostra que as coisas não são assim tão simples. É visível, por exemplo, no regime socialista polonês, um antissemitismo sério, favorecido pelo Estado. No próprio Sindicato Livre Solidariedade constata-se uma corrente antissemita.

O problema, na realidade, é bem mais complicado. O antissemitismo é uma espécie de elemento da cultura polonesa, de tradição centenária, e isto não se consegue mudar da noite para o dia. Ainda assim se você tiver intenção de mudar. Se não tiver, então pior ainda.

É mesmo provável existir não só com relação aos judeus, mas também com o grupo africano este mesmo tipo de problema, pois dizemos inconscientemente *a situação está preta*, vou fazer *uma lista negra*, etc. Eu já falei para este tipo de gente, que faz este tipo de colocações: “Veja o que há por detrás disto! Por que você liga a negro tudo o que há de negativo?”.



FIGURA 2: Rosa Luxemburgo quando jovem. Militante icônica do movimento socialista, Rosa Luxemburgo distinguiu-se como teórica e ativista, participando no Partido Social Democrático e no Partido Comunista da Alemanha. Foi morta em 1919 durante a repressão ao levante Espartaquista (Fonte: < <http://www.rosalux.eu/about-us/rosa-luxemburg/> >).

Por aí percebemos que o assunto é muito sério, muito profundo, já que o racismo penetrou até mesmo na linguagem coloquial. Então eu acredito, acima de tudo, que alguém que fala desta forma tem que ser primeiro honesto consigo mesmo e deve partir para uma prática realmente não-racista, não discriminatória.

Isto é muito fácil de falar, mas muito difícil de cumprir na prática. São aquelas coisas simples, ao mesmo tempo muito profundas, sérias demais. Falta aí o que se chama educação do militante, e uma vez que nós estamos aqui como militante de partido, seria interessante ressaltar que todo partido deveria tratar primeiro da educação do militante.

Mas isto no sentido sério do termo, na acepção não só de aceitar as ideias de A, B ou C, mas mudar atitudes. Afinal, por que se fala que o ensino está falido? Porque as escolas ajeitam ideias, mas não mudam atitudes.

Entendo que uma escola ou instituição - pode ser um partido político, associação ou o que quer que seja -, uma vez que não mude atitudes, não está na realidade mudando nada.

Dulce Pereira: A respeito deste tema, sobre o qual o Maurício Tragtemberg falou tão bem, me preocupa muitíssimo por serem questões extremamente difíceis de encaminhar.

Como é que atuaremos na transformação da sociedade, na construção de uma sociedade justa de fato, em que não haja discriminação ou racismo, ou a chamada segregação das minorias, sejam elas nacionais, étnicas ou em termos de poder?

Discutindo com alguns companheiros do ANC, da África do Sul ¹¹ e também da SWAPO, da Namíbia ¹², percebe-se o quanto é complicado lidar com a chamada questão das minorias nacionais num processo de transformações.

Aqui na América Latina, quem conhece pelo menos um pouco a história da Nicarágua, sabe da dificuldade enfrentada pelo processo sandinista como um todo para lidar com a questão das minorias, como a dos misquitos e dos negros da costa Leste do país ¹³.

Sabemos que para o capitalismo o racismo e a discriminação das minorias é absolutamente indispensável, porque assim se garante a permanência de um exército industrial de reserva, uma grande retaguarda de mão de obra, e usa-se isto muito bem.

Porém, temos as próprias sociedades socialistas, nas quais a estrutura de classe dos países capitalistas, as relações de classe da sociedade capitalista, deixaram de existir. Mas, segue a mesma indagação: como construir uma nova sociedade sem discriminar, sem segregar?

Deste modo, e Cuba? E a União Soviética? E como é que o ANC, ao tomar o poder, lidará com as minorias? Como é que atualmente Angola, Guiné-Bissau, Moçambique lidam com as chamadas minorias? Até que ponto a manifestação cultural, as diferenças culturais podem afetar de alguma forma as estruturas de sociedade justas e igualitárias?

Isto significa que a sociedade construída de fato ainda não é nem justa, tampouco igualitária, pois descarta a livre expressão de todos os grupos (Figura 3). E o que é mais complicado é que, principalmente nos países socialistas do III Mundo, e qualquer que seja o tipo de socialismo em discussão, mas supostamente onde se luta pela eliminação da sociedade dividida em classes, também ocorre tal tipo de problema.

Ao mesmo tempo, a direita instrumentaliza esta discriminação, esta marginalização, esta exploração ou a impossibilidade de expressão real das minorias para alimentar críticas a todos estes regimes.



FIGURA 3: “A Amizade do Povo”, tela do pintor soviético Stepan Mikhailovich Karpov (1890-1929), que reproduz clássica iconografia do regime soviético incensando uma unida família multinacional de povos vivendo num Estado federado, único e socialista, proposição que se tornaria um axioma central para a esquerda marxista. Note-se que este postulado, que o tempo comprovaria suscetível a reparos, críticas e correções, incluía deste o início diversas contradições. Por exemplo, na tela, o personagem à frente dos demais é um russo, enquadrado numa imagética tipicamente máscula, lhe ofertando primazia e prestígio ante aos demais. O quadro poderia ser discutido também no plano das relações de gênero. Com efeito, a imagem representada é emblemática do dimorfismo sexual que agrega apenas meliorativos para a masculinidade, visto que nesta perspectiva, note-se que todos os personagens representados na tela são homens. No mais, na esfera da diferenciação etária, são igualmente homens adultos. Na construção da imagem, retenha-se para o subtexto de caráter alegórico relacionado aos raios do Sol, sugerindo um reino iluminado que se descortina com a irrupção do comunismo soviético (Fonte: < <https://www.repro-tableaux.com/a/karpov-stepan-mikhailovic/friendship-of-the-peoples.html> >).

No final das contas, o que permite principalmente o maior avanço da UNITA ¹⁴ em Angola? É o quê? A UNITA atua baseada principalmente no fato de que supostamente os grupos étnicos locais do Sul do país estão privados de manifestarem sua cultura, não podem se manifestar em termos de religião, não podem se expressar no seu próprio idioma enquanto língua local, etc.

Agora, até que ponto os socialistas e a esquerda tradicional estão preocupados hoje em atuar como elemento de transformação desta realidade? De um lado existe a preocupação de se construir a sociedade justa e igualitária. Por outro lado, temos a questão de como se vai construir esta sociedade, este socialismo.

Como é que se atuaria para construir esta sociedade sem tal ordem de problemas? Hoje, em Cuba, se começa a discutir exatamente a discriminação das minorias nacionais. Se começa a discutir, por exemplo, as relações raciais. Por quê? Porque se não iniciarmos estas discussões, e isto é igualmente válido no caso do Brasil, se não conseguirmos pensar a questão nacional de fato, se não discutirmos o racismo, a discriminação em suas diversas formas, teremos muitos problemas no futuro.

Eu acho que o movimento sindical brasileiro é, em vários momentos, antissemita, quando se coloca a questão da liberação dos povos. Como o Tragtemberg disse, os partidos não se preocupam com esta matéria com medo de lidar com ela. Discutir hoje seriamente a questão judaica nos partidos convencionais significa em alguns momentos até mesmo uma certa ameaça.

Como é que vamos discutir o ANC e a SWAPO, por exemplo? Qual é nosso papel enquanto militantes do partido, em termos de formação dos nossos companheiros militantes, nesta discussão?

A questão racial é superficialmente tratada pelos partidos no Brasil. Porém, não faz sentido que esta lacuna ocorra, seja a discriminação dos afro-brasileiros ou de qualquer outro grupo. Caso não discutirmos seriamente o que significa o racismo no Brasil, não poderemos ter um projeto claro de nação.

Isto não será possível porque não estará se levando em consideração um dos maiores conflitos, extremamente utilizados nesta sociedade de classes na opressão de um segmento imenso dos trabalhadores, que são os trabalhadores negros do país.

E no caso brasileiro existe eternamente a cobrança, principalmente da chamada esquerda tradicional, de que o trabalhador negro é um alienado, não discute, não se organiza, se distancia das lutas da classe trabalhadora.

No entanto, a história do trabalho no Brasil não considera a mão de obra negra, mesmo porque se começa a falar em história do trabalho a partir da imigração de europeus. Isto é feito pela grande maioria dos teóricos no Brasil. Além disso, o trabalhador negro, afro-brasileiro, não se identifica com os movimentos das categorias, porque no cotidiano ele é discriminado pelos seus próprios companheiros e às vezes pelos seus próprios companheiros de luta. É muito frequente que isto aconteça.

No Sindicato dos Químicos de Santo André foi realizada uma discussão há algum tempo atrás e foi muito interessante, depois do debate, que foi amplo, com grande parte da categoria não organizada, notar que alguns trabalhadores negros na saída destacavam o interesse em discutir a questão do negro, debate nunca antes encaminhado pelos líderes sindicais porque não constitui um conteúdo que dissesse respeito a eles.

Destacavam que não se identificavam com o movimento sindical porque este movimento é um movimento sindical branco. Agora, em contrapartida, este mesmo trabalhador negro é provavelmente um elemento que discrimina judeus, árabes, italianos, japoneses e vice-versa. Note-se que é frequente ouvirmos até mesmo entre militantes do movimento negro, críticas estereotipadas aos japoneses. É frequente, não é algo raro. Inicialmente, portanto, temos que ter honestidade em discutir, mesmo porque somos militantes e assim o rumo desta discussão tem de ser outro.

Mas existe uma realidade hoje: como é que nós militantes vamos trabalhar dentro do partido, ou dentro dos partidos, ou junto à esquerda, tradicional ou oficial, esta questão? Claro que os debates são importantes e eu entendo que a conscientização é fundamental. Quer dizer, na realidade, a construção da consciência nos partidos, nas instâncias partidárias, no universo intelectual, entre os trabalhadores dos meios de comunicação em geral, é uma etapa da qual não podemos escapar.

É inevitável hoje que nós enfrentemos esta discussão. Por exemplo, no caso do antissemitismo no Brasil, o preconceito tende inclusive neste momento a se acirrar, principalmente à medida que temos um discurso nacionalista sendo construído no país, à medida que temos uma tentativa de setores da sociedade, principalmente o grande empresariado, em discutir esta questão chamada “emancipação nacional”, inclusive porque existem pressões internacionais para que isto aconteça.

A tendência é esta porque também temos uma grave crise econômica e devo lembrar que automaticamente, em momentos de crise, à semelhança da Alemanha no início do nazifascismo, este problema irrompe com grande força.

Mesmo na Inglaterra de hoje existe a tentativa de formação, inclusive por parte de setores da esquerda, de uma consciência de que principalmente os indianos, que hoje vivem na Inglaterra uma situação muito semelhante à dos judeus enquanto “povo-classe” na Alemanha, de uma consciência de que se tratam de “elementos recentes no país”, “monopolizadores da economia” e “usurpadores dos bens produzidos” (Figura 4).



FIGURA 4: Instantâneo da cerimônia de casamento realizada no seio da comunidade de origem indiana do Reino Unido. A imagem de diferenciação étnica e de opulência de cenas como esta podem ser enganosas. Na realidade, os indianos estão presentes na Grã-Bretanha desde o século XVIII, constituindo uma comunidade muito numerosa (1,8% da população britânica) e em grau variável bastante integrada aos costumes do novo país. Entre os indianos, 18% dos membros estão situados na faixa de renda mais alta. Porém, porcentagem similar são pobres. Os demais se distribuem por diferentes segmentos das classes médias. Embora a porcentagem de indianos ricos seja considerada alta, note-se que outros grupos de migrantes no Reino Unido, - suecos, neozelandeses, holandeses e norte-americanos -, usufruem padrão de vida bem mais

alto do que os indianos. Mas, sendo brancos, são poupados pelos movimentos racistas ingleses (Fonte: < <https://www.f5blog.co.uk/2017/03/hilton-metropole-london-indian-wedding/> >).

Isto é reflexo da habilidade dos indianos que vivem na Inglaterra em sobreviver em meio à crise, habilidade esta que os ingleses não têm demonstrado. E isto acontece também no Brasil. É muito interessante observar que a nova classe de empresários, principalmente micro e médios empresários, ao fazer críticas agressivas aos judeus no Brasil de hoje, frequentemente têm o sionismo como resposta ¹⁵. O discurso é este e é um discurso incentivado por certos setores.

A questão hoje é primeiro descobrir formas de analisar este temário, que é histórico e que, observando bem, vemos que não adianta simplesmente dizer que o capitalismo tem como uma de suas armas o racismo, a discriminação, a opressão das minorias, etc. Porque, de fato, este fenômeno irracional existe desde muito antes do capitalismo e foi muito bem manipulado, principalmente após a Revolução Industrial.

É necessário também quando pensamos em termos marxistas, ou seja, que a construção do socialismo seria feita principalmente através do proletariado e que a destruição do Estado aconteceria justamente a partir da classe operária, devemos recordar que este proletariado é extremamente racista, discriminador.

Então, a construção desta nova sociedade também depende desta consciência antirracista. Da consciência da necessidade de transformação e de formação inclusive nas instâncias da militância.

Paul Singer: Eu gostaria de iniciar as minhas colocações a partir do que já foi dito pela Dulce, já que estou plenamente de acordo com ela. Eu acredito que a questão realmente importante e nova é exatamente esta, ou seja, tradicionalmente o socialismo procurou uma postura que podemos caracterizar como antirracista, mas só que o fez de forma certamente superficial.

Pela minha vivência no movimento, é possível comentar baseado em experiências pessoais e não apenas no que podemos ler. Pelas minhas experiências verifico que a visão era esta: negros, brancos, judeus, cristãos, amarelos, enfim, todos nós somos trabalhadores, todos nós somos explorados, todos nós temos interesse em uma sociedade sem exploração, igualitária, digna e portanto, podemos ignorar as diferenças.

No fundo, a atitude clássica da esquerda, não só no Brasil, mas no mundo, era esta. Em outras palavras: estas diferenças não têm significação, no capitalismo superou-se o clã, a

comunidade fechada, destruíram-se os liames, todos foram equalizados e integrados no sistema de classes sociais.

Consequentemente, não temos outra coisa a fazer senão reconhecer este fato, de que todos nós somos igualmente interessados em um mesmo grande objetivo, na construção de uma nova sociedade, somos todos irmãos e assim sendo, vamos nos opor a todos os racismos, a todos os particularismos.

Creio que este seja talvez o ponto central da história, pois o problema é que as minorias, ou as maiorias, oprimidas e discriminadas, para que elas possam tomar a luta contra a discriminação e contra a perseguição em suas próprias mãos, elas precisam da autovalorização.

Esta é a experiência que me parece importante, relevante no Brasil e no resto do mundo. Fazer *tabula rasa*, imaginar que não existem diferenças, não resolve a pendência, pois a questão é que há diferenças.

As diferenças são por vezes puramente acidentais, genéticas. Mas são basicamente culturais. Ser meramente contra a discriminação a meu ver não basta. É preciso avaliar melhor a luta contra a discriminação do negro, que provavelmente é a luta mais importante neste campo no Brasil, embora não seja a única, já que temos os indígenas e outros grupos discriminados.

Porém, sem dúvida alguma, pelo número, pela importância social, pela importância demográfica, a discriminação do negro é a grande luta antirracista que nós temos que travar no Brasil.

Não é suficiente dizer que somos todos iguais. É preciso que o negro reconquiste seu autorrespeito, valorize sua etnia, valorize a cultura de que é portador e não meramente supor que ele é igual a todos os outros. Esta igualdade se conquista pela autovalorização.

Esta autovalorização poderia ser também estendida às minorias sexuais, às mulheres, que começaram a lidar de forma positiva a sua luta contra a discriminação. Creio que esta é a principal força pela qual enfrentamos a discriminação.

Eu queria também colocar que nós precisamos superar certa atitude clássica, que também é muito antiga, de que a luta pela sociedade socialista resolve automaticamente os demais problemas.

Esta era a atitude predominante nos meios de esquerda até muito recentemente. Dizia-se que o problema da mulher, o problema do negro, o problema do índio, qualquer um dos problemas específicos, no campo étnico, no campo do sexo, etc., seria automaticamente resolvido pela abolição do capitalismo e da exploração do homem pelo homem.

Não é assim. Abolir não só a discriminação legal, a discriminação aberta, a discriminação que se pode medir em termos de preconceitos no trabalho e assim por diante, porém mais do que isso, abolir a discriminação que reside nos valores, nas relações interpessoais é extremamente importante.

Para poder se superar isto é preciso ter exatamente uma luta, uma organização dos grupos étnicos discriminados e perseguidos. É preciso que eles se organizem e ao lutarem contra a discriminação de que são alvo, se autovalorizem, autorrecuperem seu respeito, o amor à sua raça.

Não tem sentido subordinar estas lutas à chamada luta geral. Este é o ponto que eu queria sustentar aqui. Estas lutas são lutas paralelas, quer dizer, a luta pela libertação do homem ocorre de múltiplas formas, se desenvolve em muitos campos, em muitos planos. Achar que um dos planos seja “o plano” por excelência, parece-me que não tem muito sentido.

Dizer que a luta importante é a luta política, dizer que nós estamos aqui no PT e portanto o fundamental é que o PT chegue ao poder, inclusive porque assim tudo isso se resolverá automaticamente, não é, em absoluto, verdade. Nem nós podemos nos prometer tanto.

Não é pela mudança dos homens que estão no governo que o modo de sentir, o modo das pessoas se relacionarem efetivamente vai mudar automaticamente. Isto tem que ser feito por uma luta ampla, muito grande, profunda, absolutamente profunda.

Eu acredito que a postura moderna e correta do socialismo é considerar todas estas lutas igualmente válidas e importantes. A elas eu dou todo o apoio e como merecedoras deste apoio é que estou aqui neste momento.

É importante trazer esta discussão para dentro do partido, sem medo de que isto vá dividir, pois esta discussão não divide coisa nenhuma. Esta discussão conscientiza, une, no sentido correto.

Nós temos aqui pessoas de vários agrupamentos étnicos. Não dá para negar que são de agrupamentos diferentes. Porém, isto não impede de se fechar uma aliança forte, com um

objetivo maior, e com isso fica evidente que dizer que as lutas específicas dividem constitui um falso problema.

Estas lutas contribuem todas para a mesma coisa e são todas igualmente indispensáveis. Ainda estamos por conhecer sociedades multirraciais efetivamente democráticas e realmente igualitárias. Infelizmente, em todos os países nos quais existe mais de uma etnia, existe um certo antagonismo, o que é extremamente ruim.

Em nações em que tais conflitos pareciam estar abolidos, estou pensando em países como a Bélgica e o Canadá, só para citar alguns exemplos, caberia advertir que estes problemas retornaram.

Quanto aos países do Oriente Médio, não há nenhuma exceção: em todos eles existem problemas interétnicos, vários conflitos entre raças ou religiões, entre grupos que se identificam diferentemente e que são extremamente ferozes (Figura 5).

Nós ainda temos que inventar a ideia de democracia racial. O próprio Brasil, que se orgulha de ser uma democracia racial, vocês estão cansados de saber que não o é. Contudo, eu acho que este falso orgulho é um ponto a nosso favor. Porque é melhor que as pessoas que compartilham de ideias racistas tenham vergonha delas, procurem negar que são racistas, fiquem na defensiva.

É possível, desta forma, eventualmente conseguir convencê-los de seu racismo nesta base, do que os que o fazem abertamente, com convicção, como é o caso da África do Sul. Prefiro a situação brasileira, o que não significa que não exista nada a ser feito. Pelo contrário, há muito.

Trata-se de um projeto que faz parte do projeto geral do socialismo, enquanto uma sociedade livre e de iguais, garantir espaço aos diferentes grupos étnicos para que eles se realizem enquanto grupos culturais e interajam de igual para igual, no mesmo espaço nacional.

Eu creio que para início de conversa isto basta e muito obrigado.

Maurício Waldman (Coordenação): Após as colocações de Maurício Tragtemberg, Dulce Pereira e Paul Singer, estão abertas as inscrições para perguntas do plenário.

Plenário: Como podemos analisar a questão do surgimento do racismo em países como Israel, que foi formado por um povo milenarmente perseguido, os judeus? É preciso

lembrar que não apenas os árabes, mas também os judeus de origem oriental, os *sefaradim*, diferentes dos judeus europeus, os *asquenazim* ¹⁶, são por eles perseguidos e discriminados. Isto não é contraditório?



FIGURA 5: Ao longo de milênios, as populações pantaneiras do sul iraquiano desenvolveram uma cultura única em meio aos charcos dos rios Tigre e Eufrates. Conhecidos como Ma'dan - "gente das planuras" no dialeto árabe local - este povo remonta aos antigos sumerianos, milenarmente protegidos pelos pantanais que amavam. Mas, o governo do Iraque desconfiava dos Ma'dan. O exército via os pântanos como ameaça. Pior: *São de fato árabes?* questionavam os nacionalistas. Obcecado em eliminar de uma vez por todas o que era entendido como uma ameaça, o Estado iraquiano intencionalmente destruiu os brejos. Vastas áreas foram drenadas a título de implantar projetos de irrigação e saneamento. Em 2003, de um total de 500.000 pessoas, apenas 1.600 ocupavam frações mínimas dos charcos que escaparam da fúria das autoridades. Dezenas de milhares foram mortos. Cem mil fugiram para o Iran. A tragédia dos Ma'dan é uma dentre muitas atrocidades que ocorrem numa parte do mundo nos quais os conflitos étnicos de modo algum se resumem às pendências entre árabes e judeus, muçulmanos e cristãos. Nesta foto de 1967, grupo dos Ma'dan conversa em volta do fogo numa *mudhif*, uma casa de palha flutuante (Fonte: < <http://proof.nationalgeographic.com/2015/09/21/photos-from-1967-reveal-a-lost-culture-in-iraq/> >).

Maurício Tragtemberg: Kurt Lewin, psicólogo de origem austríaca e, como muitos outros, refugiado nos Estados Unidos em função da perseguição nazista, desenvolveu um bom trabalho sobre o tema.

Nos Estados Unidos ele desenvolveu as vertentes da psicologia social e da dinâmica de grupo e há um livro dele, traduzido para o português, *Problemas de Dinâmicas de Grupo*, no qual consta um capítulo sobre o racismo entre os judeus.

Lewin explicita o problema e deixa bem claro que, na medida em que você sofre a coerção do grupo majoritário da sociedade global, é muito comum que ocorra a retribuição à agressão, voltada contra a sociedade global por um mecanismo de grande complexidade psicológica. Mais ainda, a tendência dos grupos agredidos é justamente retribuir esta agressão para o subgrupo próximo.

No meio judaico é muito comum, por exemplo, que os judeus de origem alemã, em geral com formação burguesa e universitária, olhem de maneira superior para os judeus de origem russa, romena ou polonesa, que geralmente têm origem rural.

Em compensação, este mesmo judeu polonês, que é olhado como inferior pelo alemão do grupo judaico, olha por sua vez com superioridade para o judeu da Bessarábia ¹⁷, que fala, digamos assim, um iídiche não-refinado. É aquilo que Sigmund Freud chamava de “neurose das pequenas diferenças”. Existe um mito, aquele que diz que o grupo judaico é unido. É a maior mitologia do mundo.

Kurt Lewin tenta, pois uma explicação dentro do seguinte raciocínio: quando um grupo tende a ser discriminado, em vez de voltar a sua agressividade contra o grupo discriminador dominante, ele volta esta agressividade contra os elementos do próprio grupo de origem, aqueles que destoam de determinado modelo identitário. É novamente a “neurose das pequenas diferenças”.

Por aí também dá para entender esta questão, levantada pela Dulce, da discriminação do negro no interior da própria classe trabalhadora. Existem evidentemente outros dados, como o de que o trabalhador negro no Brasil é em geral um trabalhador não qualificado, em função de uma herança social, econômica e cultural que o Florestan Fernandes explicou muito bem no seu livro *A Integração do Negro e a Sociedade de Classes*.

De qualquer maneira, estas diferenças aparecem seriamente com muita frequência.

Dulce Pereira: Eu só queria fazer mais um comentário, que é o seguinte: acho que, além disso, existe uma visão de mundo que separa brancos de não-brancos. É incrível como esta visão de brancos e de não-brancos está disseminada entre todos os grupos étnicos, raças,

povos, diferentes nacionalidades. E é muito arraigada. É uma das neuroses talvez mais agressivas da Humanidade.

Estava planejando fazer um trabalho de comunicação visual e discussão relativo à formação do imaginário, um trabalho, um documentário em longo prazo e verifiquei, por exemplo, que, entre todos os povos, os mais claros são tidos de alguma forma como superiores, mais próximos do que é “menos negro”, portanto do que é “mais branco”. Consequentemente, do que é superior. Os povos acabam introjetando isto. É muito forte este sentimento.

Eu recordaria neste momento um excelente trabalho do ensaísta Albert Memmi, *O Homem Dominado*, e um outro, também dele, *Retrato do Colonizado Precedido de Retrato do Colonizador*, em que se trabalha muito bem esta questão. Os segmentos, grupos nacionais ou étnicos, historicamente oprimidos, reproduzem a opressão. É um fenômeno psicológico irracional.

É claro que em todas as circunstâncias na sociedade de classes estas diferenças, este sentimento e esta visão de mundo, inclusive de superioridade dos brancos sobre os menos brancos ou não-brancos, que são considerados inferiores, é muito bem instrumentalizada pela dominação de classes, na exploração e até mesmo quando você usufrui privilégios.

E é claro, sabendo-se que quando numa sociedade existem privilégios, tais regalias estão sempre garantidas para os “mais brancos”. É uma questão seríssima a ser tratada quando discutimos a perspectiva relacionada à transformação social nos marcos nacionais ou mesmo internacionais.

Eu queria colocar um outro ponto de vista, que inclusive o Waldman me lembrou quando Paul Singer falava e que considero muito importante: são comuns as citações sobre a questão das minorias e ao mesmo tempo, não define muito bem o que são as minorias. Trata-se das minorias étnicas? Das minorias em termos de poder? São as minorias em termos numéricos?

Esta pontuação empresta maior complexidade sobre a discussão sobre a transformação social, sobre os grupos que estão no poder e os que são discriminados.

É incrível, porque se formos pensar no tema Socialismo e as Minorias, são tão amplas as abordagens existentes e temos que avaliá-lo de forma tão mais abrangente que se ponderarmos melhor, existe a questão do antissemitismo, do sionismo e deste modo,

temos que pensar quais são as implicações sociológicas no cotidiano quanto a todas as discriminações.

Ao mesmo tempo, cabe sem dúvida alguma, ponderar sobre esta estrutura tão arraigada, quase eterna, da dominação daqueles que são considerados menos pelos classificados como mais.

Neste sentido, a cor da pele é um dos itens classificatórios: os mais claros e os mais escuros, a forma do nariz, o tipo de cabelo.

Porém, formando um temário que recorrentemente aponta para a questão de não-brancos contrapostos a brancos.

Plenário: Todos nós achamos que as minorias devem ter o seu espaço, que seus direitos sejam plenamente garantidos. Ninguém aqui no plenário é contra isso. Agora, seria interessante polemizar se é possível manter o respeito pelas diferenças na fase de construção do socialismo, não deixá-las para um segundo plano. Gostaria de saber se isto é possível, se existem exemplos históricos de conciliação da necessidade de construção do socialismo com posturas politicamente abertas relativamente às minorias.

Plenário: Acredito que o problema reside um pouco em sabermos como estas diferenças serão integradas e hierarquizadas. É desta forma que o discurso do “nacional” transforma a maioria africana em uma minoria. Este é um ponto que merece destaque.

Maurício Waldman (Coordenação): Claramente, existe unanimidade em entender que a esquerda tem adotado a respeito do tema uma política da avestruz. Simultaneamente, nota-se que a esquerda possui vasta produção teórica sobre o tema. Existiram vários teóricos que estudaram a questão étnica, a questão das minorias, a questão nacional. Otto Bauer, Rosa Luxemburgo, Lênin, Trotsky e até mesmo Stálin escreveram a respeito. Então o que pode ser levantado nesta hora é: por que, apesar de existir produção tão grande, do problema ter sido tão exaustivamente estudado, decodificado, ter existido uma robusta discussão a este respeito, ao menos na Social-Democracia Russa, por que o socialismo não consegue modificar a situação, qual é a raiz deste problema, onde é que existe um curto-circuito entre o discurso, a teoria e a prática? Por que isto acontece? Fica esta interrogação. É importante lembrar que o problema parece estar se reproduzindo inclusive nos próprios países do III Mundo. Recordo-me que em certa ocasião, ter visto um adesivo de Angola onde se lia: “Angola: um povo, uma nação”, uma frase intrigante, pois, em se tratando de um país com vários grupos étnicos, o governo angolano, ao tentar formar uma única nação

a toque de caixa, estaria, na realidade, criando um sério problema político no médio ou mesmo no curto prazo. Aparentemente é a reprodução de práticas incorretas já implementadas noutros países do campo socialista. Mas de qualquer forma, fica a pergunta: por que o discurso teórico não se articula com uma prática real? Creio ser esta a indagação presente nas manifestações do plenário.

Paul Singer: Eu não tenho uma resposta muito simples a estas questões, pois elas envolvem discussões como a forte tendência de se construir uma “unidade de classe”, por exemplo. Para ilustrar isto, lembraria um episódio muito simples, que aconteceu aqui no Brasil, que a gente conhece melhor do que citando exemplos muito distantes na história, dos quais não conhecemos detalhes.

Quando o movimento feminista iniciou-se no Brasil, que foi mais ou menos há dez anos, uma das primeiras atividades realizadas foram conferências de trabalhadoras, de metalúrgicas de São Bernardo, daqui de São Paulo, e também de trabalhadoras do setor químico, justamente na época em que acompanhei melhor este movimento.

Ora, uma das principais reivindicações que surgiam destas reuniões de trabalhadoras era a formação de departamentos femininos nos sindicatos. À primeira vista não havia problema ideológico nenhum. Quer dizer, como a situação da mulher trabalhadora é uma situação muito delicada, especial.

Entenda-se que concretamente, elas são muito pouco sindicalizadas, e naquela época, pelo menos, não sei se isto mudou, o fato delas serem muito “dóceis”, muito “disciplinadas”, muito “tímidas”, transformava-se em elemento de ruptura das lutas sindicais.

Com relativa frequência, as trabalhadoras eram facilmente intimidadas para cair fora da luta, cair fora da greve. Colocava-se, pois para os sindicatos a necessidade de integrá-las, mesmo porque em alguns setores elas constituíam uma parcela muito grande do conjunto.

Ora, se este era o problema, a criação de departamentos femininos era a coisa mais lógica a fazer. Era o fato de atrair pessoas que estavam intimidadas, não se sentiam bem em interagir com homens estranhos, por uma série de condicionamentos que as mulheres numa sociedade patriarcal como a nossa sofrem.

Eu me recordo que, naquela época, até o Lula foi contra. O Lula e a direção daquele que era, na ocasião, e continua sendo até hoje, acredito eu, um dos sindicatos mais avançados, se não o mais avançado do Brasil.

Qual foi o motivo de ser contra o departamento feminino? “É para não discriminar - aqui dentro, não importa se é homem ou mulher, é tudo igual, é tudo trabalhador. Então não tem por que criar um departamento para mulher, está claro?”. Foi esta a razão dada.

Qual seja, existe uma tendência fortíssima no movimento sindical em “não discriminar”, em “não abrir divisões”, em não reconhecer as diferenças. “As mulheres ficam lá fora, em outra área. Aqui, na luta, somos todos iguais”.

Pura ilusão! Estas diferenças se infiltram no movimento dos trabalhadores e terminam criando barreiras efetivas. É bem verdade que após a criação do departamento feminino, esta atitude foi superada. Mas eu entendo que é uma luta, um primeiro momento de um processo que inclui muitas variáveis (Figura 6).

A questão das diferenças nacionais também é muito atual. Na União Soviética surgiram muitos problemas com as nacionalidades durante o período de Stálin. Josef Stálin era do grupo étnico georgiano, do Cáucaso. A Geórgia, terra natal de Stálin, tinha e ainda tem muitas diferenças com o resto da Rússia. Possui uma língua diferente e o próprio Stálin nunca falou russo sem um sotaque georgiano.

Foi ele que se tornou responsável pela tarefa de definir uma política para as nacionalidades pelos bolcheviques, uma vez que ele mesmo pertencia a um grupo minoritário. Supunha-se que em função disto, Stálin fosse dotado de maior sensibilidade pelas reivindicações nacionais específicas.

A posição de Lênin a este respeito era muito avançada. Ele sempre pensou numa União Soviética. Ele mudou o nome do país, que deixou de ser Rússia para ser a União Soviética, país no qual todas as nacionalidades, inclusive os judeus, teriam o seu próprio espaço, para que pudessem desenvolver sua cultura. Esta era a posição de Lênin e se não me engano, a de Stálin, ao menos no papel.

No entanto, quando Stálin tomou o poder, adotou uma política de grande russo, impondo a língua russa a todos e impondo uma política discriminatória contra todas as minorias.

Ele traiu o programa bolchevique? Não é assim tão simples. Primeiro isto não deve ser colocado em termos puramente pessoais. É mais complicado. É preciso entender que em uma sociedade ainda pobre, em que há muita coisa escassa, a luta lá embaixo, em que não existe quase nada, é muito feroz.



FIGURA 6: Uma das interfaces mais emblemáticas da participação da mulher foi a marcante presença em muitas lutas de emancipação nacional no III Mundo. Na foto, combatentes da Frente de Libertação Nacional do antigo Vietnã do Sul confraternizam com parceira do Vietnã do Norte, comemorando a reunificação do seu país em 1975, na cidade Ho Chi Min (Fonte: < <https://www.vietnambreakingnews.com/2014/04/historic-moments-of-reunification-day/> >)

É nestes termos que nós temos que discutir. A luta pelo emprego, por exemplo, no nosso caso aqui no Brasil, é violenta. Faz uma diferença enorme você conseguir ou não conseguir. Se você está competindo com uma pessoa que tem uma cor diferente, se puder lançar mão desta vantagem, por que você não lança? Certamente existiu este comportamento.

Recordo também de outro fato que tem provocado rios de sangue na Índia, hoje em dia. Não é um país socialista, mas enfim tem um governo avançado, uma ideologia avançada. A língua comum é o inglês. Naturalmente a massa do povo não fala inglês coisa nenhuma, pois quem fala inglês é a elite.

Mas existem dezenas de línguas completamente diferentes no espaço indiano. Como é que se torna possível um país onde os habitantes não se entendem? Acabam se entendendo através da língua do colonizador, não é?

Existiram vários projetos de tornar uma das línguas nativas oficial. Mas o que significaria isto? Significaria discriminação no serviço público de todos os outros grupos linguísticos, sendo que quem não falasse esta língua não poderia ser funcionário do governo. Na Índia, esta matéria foi origem de conflitos muito marcantes.

Assim, estes problemas são reais, eles existem de fato e a primeira postura a ser adotada é reconhecer o problema em vez de jogar debaixo do tapete, dizer “não, isto é muito fácil de superar, é só querer que a gente esquece isto”. Eu considero melhor enfrentar o fato. Entender o que são sociedades multirraciais e multiculturais.

Gostaria de dizer que estou muito feliz por estar no Brasil, porque é a sociedade mais multirracial que conheço, país em que as diferenças étnicas são mais pronunciadas. Nós somos um dos poucos países de grandes dimensões em que existe uma só língua. Todos nós nos entendemos na mesma língua, o português. E existe um certo respeito, não existe discriminação aberta, que é muito malvista no Brasil.

Eu acho que é um dos pontos positivos, e mais positivo ainda, é que se discute a questão das minorias, parando com esta ficção de democracia racial, construindo-se uma nação.

Estou convencido de que não existem soluções a toque de caixa e que devemos ter o mais profundo respeito pela cultura do outro.

Plenário: Talvez em termos de discriminação no Brasil ela é tão real, tão intensa quanto em qualquer um destes países. Ela é na realidade muito mais cruel. O que existe de diferente é que o nível de consciência do povo é muito baixo. O povo está acostumado a ver branco em tudo. Às vezes em uma conferência todos os palestrantes são brancos e quem serve o café é sempre negro. Já vi isto acontecer e sempre fico angustiado, como mestiço que sou. Devido ao baixo nível de consciência é que o conflito não vem à tona. Quando o povo estiver consciente, então o confronto, o conflito vai estourar.

Plenário: A meu ver, nas classes dominantes da nossa sociedade capitalista, o racismo se acentua muito mais. O fenômeno é mais contundente nas classes elevadas da nossa sociedade. Se a gente vai para uma favela não se encontra tão abertamente o racismo. Se existe um favelado branco e um favelado negro, não surgem confronto. O antagonismo é

muito mais encontrado nas classes mais elevadas. O racismo é muito mais explícito nos setores dominantes do que nas classes dominadas.

Maurício Tragtemberg: Em primeiro lugar, os grupos da esquerda institucionalizada em geral adotaram atitudes em relação ao problema étnico, nacional ou da mulher, como foi bem colocado por Paul Singer, no sentido de que o socialismo resolveria tudo isso, e de uma maneira que Freud denomina de evitação.

Dito de modo mais claro: trata-se da técnica de se evitar uma discussão desvalorizando-a ou colocando-a em um segundo plano, chegando mesmo a afirmar que o problema não existe.

Isto é muito claro na medida em que a mulher foi sendo incorporada no mercado de trabalho, recordando-se, é claro, que o meio sindical é altamente machista, quase uma característica típica dos meios sindicais.

Lembraria que é inclusive parte do folclore sindical que o militante tenha uma mulher em casa e outra fora do lar. Na militância isto é tomado como um padrão de valorização, de “macheza”.

Inclusive em categorias em que as mulheres são maioria, a diretoria é composta na maioria dos casos por homens. Então isto mostra que a questão é com certeza um “pouquinho” mais complicada.

Agora, no caso do Brasil, em que não temos uma linha de cor, no modo como está explicitado nos Estados Unidos ou da África do Sul, mesmo sem ela o preconceito é real. Ele é real mesmo nos estados em que os negros são maioria.

Na Bahia, Estado em que a imensa maioria da população é negra, isto não impede que lá exista discriminação racial. Ela é até mais violenta do que nos estados sulistas, onde a população é majoritariamente branca.

Isso nos mostra que neste tópico, na medida em que falamos de uma educação política, temos mesmo é que mudar as atitudes. Isso eu já falei. A estrutura escolar está falida porque ela informa, ela não forma.

Não adianta você, em um partido, encaminhar cursos sobre as ideias de A, B ou C se você não influi nas atitudes, isto quer dizer, nos comportamentos. Este é o nível mais profundo.

Devemos ter sempre a preocupação em enfatizar que se não mudamos atitudes nós não mudamos nada.

Com relação à questão que foi levantada, equacionando as minorias e o processo de construção do socialismo, ainda que eu não saiba em que país esteja ocorrendo de fato este processo, mas falando de países em que o capitalismo foi substituído por uma economia de Estado e, coerentemente, são mantidas estruturas de quem manda e de quem é mandado, hierarquias em nível de Estado e de partido, nos quais “todos são iguais, mas alguns são mais iguais do que os outros”, logicamente o racismo sempre é um mecanismo de defesa dos grupos dominantes.

O problema é que geralmente a ideologia hegemônica é a ideologia do grupo dominante e tal afetação também é imposta aos segmentos dominados, que reproduzem este racismo em nível de dominado. Por exemplo, no caso sindical, que eu conheço, é muito difícil encontrar racismo entre os militantes sindicais, sinceramente não encontrei este tipo de manifestação.

Lembraria que os militantes sindicais constituem um caso já muito diferenciado. Mas o fato é que o racismo se combina com outros aspectos. O trabalhador negro, quando integrado, está ocupando trabalhos não-especializados, por uma série de influências históricas, econômicas e sociais.

Por aí se entende o porque de numa estrutura de Estado, em uma repartição pública, em um parlamento, persista a tendência de reproduzir a estrutura de classes. Se na estrutura de classes o negro é quem vende jornal, é o engraxate, é o que lava carro, na estrutura da administração burocrática ele vai ser o servente, na escola ele vai ser o bedel, o faxineiro.

Não se encontra professor universitário negro. Ele é um em um milhão. Não se encontra gerente de banco negro. O Banco Nacional, na agência da Avenida Paulista, emprega os funcionários negros no subsolo.

Então, a estrutura burocrática reproduz muito a estrutura de classes. É claro que no Parlamento encontraremos muitos deputados brancos e dezenas de negros que servem café. A luta para superar isso é uma luta complexa.

Como ressaltou Paul Singer, esta é uma luta que deve ser levada ao mesmo tempo com as lutas paralelas, com a autovalorização do discriminado no sentido mais amplo do termo. Isto não se pode ocorrer de fora para dentro. Isso tem que se desenvolver a partir da auto-

organização do discriminado. O discriminado tem que fazer a sua luta, não pode esperar que lutem por ele. Só assim se consegue a autovalorização como pessoa e como grupo.

No caso dos países em que se fala estar se construindo o socialismo e em que se fecharam os olhos para as diferenças, quando os olhos se abrem verifica-se que o problema nacional está aí, o problema da cor está aí, o racismo está aí. Enfim, a “mágica” não solucionou a situação.

A luta social e econômica tem que incorporar estas lutas paralelas, para não se repetirem erros clássicos do movimento operário, da esquerda em geral.

Dulce Pereira: Eu queria em primeiro lugar discordar do companheiro Paul Singer e do companheiro do plenário, que afirmou ser o racismo mais característico das classes sociais privilegiadas.

Como foi dito inclusive por um companheiro do próprio plenário, o racismo no Brasil é tão cruel quanto em qualquer parte do mundo. O racismo em si reduz à condição de subumanos ou de menos humanos alguns grupos ao mesmo tempo em que outorga a outros o privilégio da condição humana (Figura 7).

Eu acredito que o racismo não é próprio apenas das classes abastadas. É claro que o racismo institucional no Brasil não é tão óbvio, mas a agressão é do mesmo nível. Quando eu recebi uma companheira sul-africana aqui em São Paulo, ela se sentiu tão agredida quanto se estivesse andando ou caminhando por qualquer rua da Namíbia ou da África do Sul. Logo, esta discussão é importante.

Há algum tempo atrás eu achava que a gente psicologizava demais as discussões sobre a questão racial, sobre a discriminação, etc. Principalmente entre nós, os militantes, ela tem que ser realmente definida, porque, vejam bem, o trabalhador negro em sua maioria não se identifica com as lideranças sindicais, não se organiza ou fica à parte porque de fato ele é tão vítima do racismo aqui quanto em qualquer outro ponto do hemisfério.

Outro tópico é o próprio fato do poder utilizar muito bem a questão racial no Brasil, inclusive no atual processo de elaboração da Constituição ¹⁸, que é de certa forma um processo tampão, onde a transformação social proposta não é de fato uma transformação social que interessa à população.



FIGURA 7: Marcha cívica em Memphis, Tennessee, aos 29 de março de 1968: Integrantes da Guarda Nacional dos EUA, empunhando baionetas e apoiados por tanques, contém ativistas dos direitos civis num protesto pela rua Beale Street. Como forma de protesto, todos os manifestantes negros portam cartazes com os dizeres “Eu sou um Homem”. O único a não portar é um ativista euro-americano, uma contestação simbólica à exclusão dos negros (Fonte: Fotografia © Bettman / Corbis).

A própria questão racial é utilizada como um tema tampão, de uma forma muito bem orquestrada, nos marcos que o professor Florestan Fernandes muito bem definiu como transformação dentro da ordem para garantir esta mesma ordem.

Eu percebo que em alguns momentos, muitos são aqueles que consideram um avanço ter o Congresso Nacional discutindo o temário racial, ou, então, termos uma comissão discutindo a chamada questão das minorias no país. É verdadeiro colocar que é um avanço termos a discussão. Agora, a forma como ela acontece pode garantir um grande atraso no confronto interno no país.

A população negra, por exemplo, em geral se sente de certa forma gratificada pelo fato de se discutir a questão racial no Congresso Constituinte. Por sua vez, a população indígena, que conseguiu incluir propostas concretas, percebe que isto não é suficiente, mesmo com a inclusão de todo um capítulo sobre a questão do índio. Considera que estes avanços são pequenos, porque sabe muito bem que a legislação em si mesma não muda muito a situação dos povos indígenas.

Ainda com relação ao companheiro que acredita que a discriminação acontece com maior intensidade nas classes mais favorecidas, isto também não é verdade de modo algum. Em qualquer ambiente social no Brasil o racismo é muito arraigado.

Em algumas pesquisas que foram feitas, entrevistando-se lavadeiras, pedreiros, etc., e perguntando se o entrevistado era racista, de pronto se falava: “Eu não, Deus me livre!” Mas quando era perguntado “E se seu filho ou sua filha casasse com um negro ou uma negra?”, normalmente a resposta era “Isto não, Deus me livre!”. Estas reações eram constantes. As respostas sempre foram iguais.

Chegou-se mesmo à conclusão de que um negro favelado é tão discriminado, é tão agredido quanto um negro de classe média ou um Pelé. O que é diferente são os privilégios de classes.

Retenha-se que existe um processo de idealização da chamada massa que é igualmente uma idealização da chamada esquerda tradicional. Na realidade, a massa tem ódio, tem crueldade, é sexista, é racista, discrimina o seu vizinho. E esta é uma realidade.

O nosso papel é perceber isto e educar esta massa. Se vocês entrevistarem um favelado negro, ele acha que os judeus são todos ladrões, que os árabes são sujos, que os japoneses são estranhos e assim por diante.

É isso. É a realidade nacional. Daí que o processo de construção do socialismo exige necessariamente essa compreensão.

Plenário: No socialismo, nós temos que integrar as pessoas de todas as formas, através de hinos, da música, do modo de vestir. Temos que integrar as pessoas de todas as formas possíveis e imagináveis, já que estaremos voltados para um trabalho coletivo. Até que ponto é possível às minorias conviverem com este processo?

Dulce Pereira: Eu penso que a gente deve considerar primeiro a história, que nos serve de referência a outros processos revolucionários. Acredito que, quando frisamos que a esquerda tem postura de avestruz, estamos na realidade reconhecendo que a esquerda tradicional não sabe lidar com a questão das minorias, não sabe lidar com as discriminações; não sabe lidar com o racismo.

E isto, levando-se em consideração que toda esta produção teórica, refletindo ou diagnosticando estas discriminações, é apenas e tão somente um diagnóstico. Não existe o como lidar com esta questão em razão desta não ser discutida com profundidade, inclusive porque a esquerda militante não discute de modo efetivamente aberto, não elabora uma estratégia de luta ou uma estratégia de eliminação do racismo.

Além disso, lembraria que nos processos revolucionários que ocorreram em todo mundo, a guerra contra o capitalismo e o imperialismo teve que ser priorizada, não há como negar este ponto. E sem dúvida alguma, o capitalismo e o imperialismo são muito mais bem estruturados e têm vantagens concretas para explorar as diferenças.

Observando a experiência da Nicarágua, de Cuba, de Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, enfim, dos países socialistas do Terceiro Mundo, notamos a imensa dificuldade em se lidar com as diferenças.

A situação se agrava quando percebemos que vários grupos étnicos, os elementos que compõem as etnias, os descendentes das nacionalidades que compõem uma nação, ficam distanciados do processo revolucionário, muito distanciados mesmo.

Na Nicarágua, hoje, por exemplo, é mais fácil garantir a emancipação dos misquitos do que tentar integrá-los de fato no processo de libertação nacional, de construção do socialismo. E por quê? Porque durante todo o tempo eles estiveram distanciados do processo sandinista. Acredito que o grande problema é como garantir a participação real destas chamadas minorias no próprio processo revolucionário.

Fico pensando o que aconteceria no Brasil com as chamadas mães de santo, em um processo de construção do socialismo, se este processo fosse feito da forma como é realizado aí fora.

Eu fico imaginando, por exemplo, o que seria pegar as pessoas do universo do samba, os produtores de cultura, afinal, numa revolução brasileira se ela acontecesse da forma como se pensa a revolução no país hoje. Com toda certeza eles . . .

Maurício Waldman (Coordenação): Eles seriam fuzilados como reacionários . . .

Dulce Pereira: Claro! Seriam fuzilados como reacionários! E por quê? Porque apoiam o Maluf e isto é lógico, já que se identificam com ele quando o Maluf é chamado de “turco” e ainda por cima recebem dinheiro dele. Este é o ponto. Não é apenas estabelecer uma fórmula, uma fórmula simplesmente. É uma questão para ser seriamente refletida.

Conversando com um companheiro do ANC, pouco tempo atrás, ele me dizia da dificuldade que alguns setores do movimento enfrentam atualmente, porque quando estes segmentos pensam a questão cultural percebem que a integração de todos os grupos e a identificação com aquele que é o grande movimento de libertação da África do Sul é, de certa forma, problemática: há uma parcela que não se identifica com o ANC, manipulada que é pelos racistas, porque está distanciada da proposta política do movimento.

Por isso considero a questão racial como um trabalho a longo prazo, um trabalho de formação, de identificação e não um simples trabalho de doutrinação socialista.

Plenário: Tanto a Dulce Pereira quanto o Maurício Tragtemberg e o Paul Singer tocaram no ponto de que muitos grupos minoritários são na realidade majoritários. É o caso típico da África do Sul, país onde os negros são maioria da população. Todos falaram que a autovalorização é uma forma do grupo se auto-organizar, no sentido dele se impor, conquistar o seu espaço. Neste sentido, observando no PT a organização de comissões como a dos negros, das mulheres e desde 1986 a dos judeus, com a Comissão de Assuntos Judaicos, acredito que isto é uma forma do partido começar a discutir estas questões. É uma questão pertinente ao próprio PT. Não consigo me lembrar, pelo menos agora, de um negro na direção do PT, sequer na direção da CUT. Por isso eu vejo como extremamente importante a participação de comissões de minorias dentro do partido.

Plenário: Falando-se ainda da questão do socialismo real e das minorias, em que momento se cruzam as questões da democracia, do socialismo e das minorias em geral?

Maurício Tragtemberg: Nas repúblicas soviéticas, as decisões são centralizadas de cima para baixo. Na realidade, temos repúblicas soviéticas sem os *soviets*, porque o que define o *soviet* é o nível de autonomia que ele possui para com o próprio aparelho de Estado. Mesmo Lênin reconhecia isto, ao dizer que no Estado socialista ainda persiste muito de uma herança burguesa e que o próprio trabalhador precisa se defender contra este Estado.

Quero de maneira simples reafirmar que, se um movimento social cria estruturas horizontais, ele está criando o embrião de um processo de socialização, e justamente isto é o que há de revolucionário nos processos sociais.

No movimento operário, o trabalhador sempre tendeu a criar estruturas horizontais, seja na forma das comissões de fábrica, conselho de trabalhadores, *soviets*, etc. Isto é o que garante igualdade real.

Agora, quando as estruturas se verticalizam, se burocratizam e surge a divisão de quem planeja e de quem executa, quem gere e quem encaminha as tarefas, temos a reprodução de relações de desigualdade nos planos social e político, mesmo que você não esteja no capitalismo privado.

Desta forma, o problema das minorias raciais ou étnicas está muito vinculado a este tipo de problemática, da capacidade do movimento social dos trabalhadores de criar estruturas horizontais, que garantam igualdade real e não que alguns sejam mais iguais do que os outros.

Verticalizando a estrutura não adianta falar que se está abrindo espaço para as minorias, criando comissão de negro, de mulher, de índio, de judeu ou coisa que o valha. Verticalizando a estrutura de poder teremos a reprodução das relações de desigualdade mesmo sem existir capitalismo privado.

O que existe de revolucionário no movimento social não é o tipo de reivindicação expressada, salário ou projeto político. O que existe de revolucionário é o fato do trabalhador criar estruturas horizontais, que elas se entranhem e se tornem de caráter nacional.

Isso para mim é a condição básica de garantia para que a igualdade seja real, dentro do respeito às diferenças. Porque respeito às diferenças não quer dizer separatismo.

É dentro do projeto que pretendemos construir que podemos verificar a possibilidade de representação de todos os grupos étnicos ou nacionais.

Plenário: O racismo é sempre antiprogressista, por isso deve ser sempre combatido. A discriminação separa os oprimidos. Eu noto isto porque eu sou mestiço e muitas vezes tanto os negros quanto os brancos me discriminam. É uma questão ideológica, que talvez só uma revolução cultural consiga eliminar.

Plenário: Eu queria colocar algumas questões que gostaria de ver aprofundadas. Gostaria de lembrar que nas últimas eleições candidatos representativos das elites conseguiram se eleger devido ao voto popular, e, neste voto popular, praticamente o conjunto do voto negro. É verdadeiro se falar no uso do discurso antidiscriminatório. Orestes Quércia, nas eleições para governador em São Paulo, 1986, usou este discurso, argumentando que era “discriminado”, porque “era do interior”, chamado de “italianinho”, etc. O próprio Jânio Quadros, nas eleições para a prefeitura de São Paulo em 1985, criou este vínculo, na medida em que o discurso articulado contra Jânio Quadros igualmente passa pela discriminação. Gostaria de ver aprofundada a questão do mestiço. É bom lembrar que na África do Sul eles constituem elemento importante no esquema de dominação ¹⁹ e mesmo assim, o movimento negro do Brasil não leva em consideração o mestiço, quando elabora ou pensa suas diretrizes políticas. Gostaria também que o Tragtemberg, quando fala de horizontalização, o que ele poderia falar de horizontalização no sentido étnico, quando se discute o movimento operário brasileiro. A partir disto, algumas perguntas para todos: Primeiro: Interessa à esquerda reconhecer o racismo ou continuar a fazer a política de avestruz? Segundo: Eu queria saber qual é a relação entre a postura de avestruz da esquerda e o divórcio histórico que existe entre a esquerda e as massas populares. Quer dizer, onde há uma diferença, étnica inclusive, uma diferença real entre a esquerda e a chamada massa popular? Qual é o perfil da chamada massa popular? Não só no sentido étnico, mas também de linguagem. Porque eu considero que isso acaba cruzando um pouco com a questão do Maluf, do Jânio e do Quércia. Quem precisa discriminar no Brasil? A burguesia ou o proletariado? Por quê? O racismo é um mal que as pessoas carregam dentro de si ou elas discriminam devido a interesses objetivos, concretos? Uma última questão: Existe alguma relação entre ideologia de conciliação e o racismo?

Plenário: Parece-me claro que para a esquerda chegar a um estado revolucionário é fundamental mudar a psicologia das pessoas, pois é justamente dentro desta psicologia que existem as diferenças raciais. Conseguindo mudar a psicologia neste ponto, estaremos em condições de criar um estado realmente revolucionário. Uma sociedade igualitária tem que passar pela reforma das pessoas.

Dulce Pereira: Eu entendo que é muito difícil responder sinteticamente a todas as questões que foram levantadas, pois isso seria objeto de um tratado. Mas, discutindo sucintamente, primeiro sobre a identidade entre os negros e Paulo Maluf.

A própria palavra identidade já diz muito bem, pois você se identifica com aqueles de quem se sente próximo. É a relação do espelho, de certa forma. Trabalhando com estes conceitos, percebemos que o vínculo é muito bem articulado.

O Maluf tem uma postura que podemos dizer que é quase a postura de um “negrão”, aquele jeito popular, familiar, paternalista, etc. Além disso, tem o próprio discurso, meio choroso, meio de vítima, de vítima social por ser árabe e discriminado por isso. Era comum que se referissem a ele como “aquele turco”.

Claro que neste plano surge uma tremenda identificação e por isso a identificação de vários grupos, não só o segmento negro, com Paulo Salim Maluf, mas também de outros grupos oprimidos.

É interessante notar que isto não acontece com o Ermírio de Moraes. O Antônio Ermírio de Moraes, apesar de toda a sua campanha para governador em 1986 ter sido muito bem elaborada, contexto em que a televisão foi um veículo importante, teve contra si sua própria figura, sua própria postura, sua própria imagem, que não permitia esta identificação.

Quanto ao Orestes Quércia, segmentos da população branca, ou que se pensa branca no Brasil, principalmente os descendentes de imigrantes, identificavam-se com a linguagem do Quércia. Era a história do “italianinho”, mas a história do italianinho é só. Não era uma proposta mais ampla, de “brasileiro integrado”. Então é esta a linha que traça a identificação dos negros com o Paulo Maluf.

O Jânio, por outro lado, tem aquela postura eternamente presunçosa, ele é o “pai”. Ele é aquele que vai garantir espaços, muito mais do que ser o Jânio da Vila Maria ²⁰. Na campanha pela prefeitura de São Paulo (1985), ele não tinha esta postura de Jânio da Vila Maria. Não, era outra coisa. Ele era o “pai” e assim seria por “garantir espaços”, sem “diferenciações”, com “objetividade”.

Mas ainda assim o Jânio não provocava no povo a identificação que Maluf deixava tão bem marcada. Jânio não provocava a sensação de proximidade e por isso que frisei a expressão “pai”.

Quanto ao mestiço, discutindo um pouco esta questão do segmento não ser valorizado pelo movimento negro, é um aspecto que nos reporta à análise do próprio movimento negro no Brasil, à análise de quem são os militantes do movimento negro.

É fato que se constata uma grande resistência quanto ao mestiço, tanto pelos militantes como um conjunto, quanto individualmente. A politização do papel do mestiço é muito recente no Brasil.

Por outro lado, historicamente tem todo o distanciamento, em vários momentos, do mestiço, tanto em termos de organização ou de reivindicação como na maneira pela qual é tentada a diferenciação do chamado mundo negro. Isto é: observamos o desenrolar de um processo de embranquecimento do mestiço, um processo que já foi por diversas vezes discutido.

Existe também um erro político, no movimento negro no Brasil e no exterior, no sentido de não perceber como a direita usa esta falta de consciência, em alguns momentos, do mestiço, que é utilizado por todo sistema de opressão e de discriminação. Os movimentos negros têm grande dificuldade em lidar com tal questão. De fato, o mestiço no Brasil é um não-branco, mas só às vezes ele é percebido e tratado como um não-branco.

O Lula é um não-branco em qualquer lugar do mundo, mas nem sempre este aspecto é percebido aqui no Brasil. A mais ver, para as lideranças internacionais, por exemplo, o Lula é visto como um não-branco e são vários os que indagam se o carisma e o apelo popular do Lula não se devem ao fato dele ser um não-branco.

Presumo que estes pontos que levantei servem para mostrar a dificuldade que este tipo de discussão insere, impossível de ser esgotada em uma única resposta.

Maurício Waldman (Coordenação): A discussão do tema Socialismo e Minorias, dentro do Ciclo de Debates que a Comissão de Assuntos Judaicos está promovendo, mostra que o PT, assim como a esquerda em geral, precisa discutir com mais profundidade uma série imensa de questões sobre as quais não se tem o necessário acúmulo. E também quão amplo é o espectro de singularidades inseridas neste debate, todas sinalizando para um repensar da atuação dos partidos e movimentos progressistas não só na forma, mas igualmente na essência, apontando para a necessária e indispensável agenda do debate étnico e cultural na formatação dos programas e da condução das linhas de atuação política.

Plenário: No Brasil não existem brancos puros, quase todos são mestiços. Logo, a questão não é racial. Raciocinar de outra forma é racializar uma questão que no fundo é econômica, é ideológica. É ideológica no sentido de ser uma sobrevivência não inteiramente destruída da antiga economia escravocrata. Não houve uma revolução que destruísse por inteiro esta herança. Se existisse esta revolução, não existiria racismo.

Maurício Tragtemberg: Na Rússia houve uma revolução muito séria e ainda assim pode-se falar que acabou o racismo? Em primeiro lugar precisamos ter muito claro o caráter de uma revolução.

Nesta ótica, o que se tem é que o movimento operário no Brasil e no mundo, sempre que existiu oportunidade, optou pela criação de estruturas horizontais. Contra elas não conspiram apenas os capitalistas, mas também os burocratas, a alta burocracia sindical.

Na União Soviética temos uma economia de Estado onde o capitalismo foi abolido. No entanto, o antissemitismo é utilizado como uma arma política contra o proletariado. E não existe só o antissemitismo, pois, como já coloquei anteriormente, na União Soviética, após setenta anos de socialismo, os negros que foram visitar o país foram hostilizados por ficarem flertando com as moças brancas, russas e de olhos azuis.

É aí que reside o problema. É por isto que eu acredito que não devemos contrapor uma luta econômico-social ao problema das relações raciais. Eu acredito que estas lutas são concomitantes.

E tem que ser uma luta consciente, mesmo porque respeitar as diferenças não significa apoiar separatismos, quaisquer que sejam. Uma unidade que abole as diferenças por decreto é uma falsa unidade, que explode na primeira crise (Figura 8).

Devemos ver com clareza que a questão do preconceito é uma luta política que se dá a médio e mesmo em longo prazo, não em curto prazo, da noite para o dia, mesmo porque os preconceitos foram inculcados na classe dominada.

Isto faz parte do esquema de dominação, que conta com a força e a persuasão. Pela força tem os exércitos e a polícia, pela persuasão, conta com os jornais, com a televisão e as revistas. Estes mecanismos de dominação são poderosos e é por aí que podemos entender a ambiguidade do bloco popular, que explica o fato aparentemente paradoxal pelo qual o operário gosta tanto do Lula quanto do Afanásio Iajadzi ²¹.

Paul Singer: Para mim esta é a primeira oportunidade que tenho de discutir estes temas dentro do PT.

Considero importante que isto ocorra, muito positivo mesmo e sem nenhum motivo para achar que esta discussão acabe por aqui, esperando que seja um início para uma discussão

mais aprofundada. Acho que temos que usar todos os espaços para lutar contra o racismo e a discriminação.

A Constituinte e os partidos são espaços privilegiados para esta luta, que não devem de forma alguma ser desprezados. Devemos aproveitar este espaço que a Comissão de Assuntos Judaicos do PT abriu para discutirmos não apenas questões judaicas, mas dando oportunidade para que judeus, como eu, possam discutir a questão racial com negros, como a Dulce.



FIGURA 8: Em 1991, a supostamente unida, fraternal e inquebrantável federação de repúblicas da União Soviética chegou ao fim, desagregando-se após rápido movimento de secessões, com quinze novas nações irrompendo no mapa político do mundo. Em paralelo com a fragmentação do Estado soviético, milhões de membros de grupos minoritários abandonaram o país: gregos pônticos na direção da Grécia, alemães do Volga para a Alemanha e de judeus, rumo a Israel. Este processo incluiu ainda choques interétnicos no interior dos novos países e de migrações de grupos que por esta via, procuravam condições mínimas de segurança. Na foto, uma das muitas imagens que reportam ao esfacelamento da antiga União Soviética: cidadãos de Tblisi, capital da República da Geórgia, exigem a separação do país da União Soviética. Mais tarde, porém, a própria Geórgia independente foi palco de movimentos separatistas, que terminaram por gerar duas outras pequenas nações de *status* político controverso: a Ossétia do Sul e a Abkássia (Fonte: < <https://jam-news.net/?p=30858> >).

Na discussão sobre a discriminação, devemos lembrar da discriminação que os próprios grupos discriminados fazem com os outros grupos, fazendo da endogamia uma prática constante.

Isto é uma consequência da autovalorização, da tentativa de preservar a identidade impedindo a dissolução do grupo. E a solução do grupo é justamente discriminar sexualmente. Isto está colocado para todos nós. Não há como fugir desta discussão.

Está colocado para os judeus, por exemplo. Estive em Israel recentemente e notei que lá, os mais sionistas, os mais nacionalistas tinham uma espécie de demografia da angústia. Ou seja, o número de judeus diminui anualmente de uma maneira muito rápida, não por mortalidade, mas por assimilação.

Uma vez findo o nazismo, como os judeus não estão sendo muito discriminados nos diferentes países em que vivem, o grupo tende a se dissolver de forma muito rápida, e a forma mais rápida de assimilação é casar com um não-judeu, já que os filhos não serão mais judeus e o grupo some. Os negros também enfrentam esta questão. Na medida em que há casamentos mistos os negros também tendem a desaparecer.

Eu mesmo sou exemplo de assimilação. Enquanto judeu, eu não eduquei meus filhos como judeus, estou contando isto para vocês abertamente. Isto apesar de me sentir membro de um grupo perseguido e não abandonar a identidade de ser um perseguido.

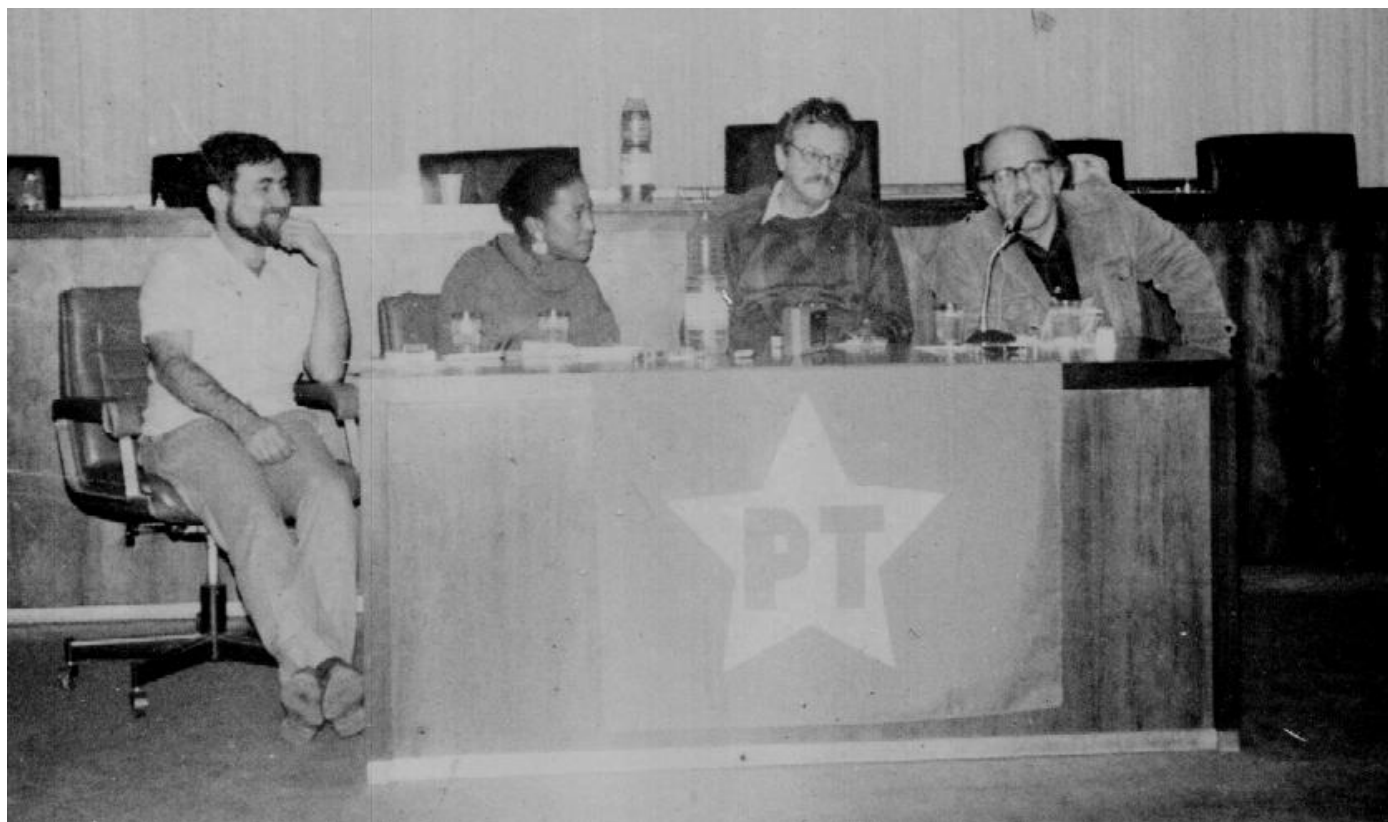
Provavelmente meus filhos não casarão com judeus e a terceira geração não vai mais saber se é judeu ou não. É uma opção de vida pessoal, e assim, eu não posso fazer da minha posição uma bandeira.

Mas de alguma maneira nós precisamos discutir isto com maior franqueza, isto é certo. É desta discussão que percebemos que tipo de continuidade daremos a cada cultura. Estou de acordo em criar uma cultura brasileira que seja a soma de todas as culturas que vieram para cá.

Mas isto é uma opção pessoal, não quer dizer que os judeus, os negros, os japoneses devam pensar a mesma coisa. Simplesmente quero dizer que precisamos discutir isto com maior franqueza.

Maurício Waldman (Coordenação): As discussões da noite de hoje em torno do tema o Socialismo e as Minorias constituíram uma primeira abertura para o debate de uma questão que, como todos os participantes deixaram bem claro, é de extrema importância

para o pensamento progressista assim como para a incorporação das aspirações étnicas e culturais na construção de uma sociedade de novo tipo. É evidente que as discussões de hoje devem ser aprofundadas por outros ciclos de debates, para que os militantes no seu conjunto se fortaleçam cada vez mais para enfrentar questões de vital importância para o movimento social. As discussões da noite de hoje igualmente esclarecem sobre a impossibilidade de se tentar resolver a questão das minorias isoladamente, em dissociação com o processo mais amplo de constituição de uma carta programática preparada para o desafio de contribuir para o surgimento de uma sociedade plural, fraterna e democrática. O debate da noite de hoje confirma mais uma vez que uma agenda que contemple as singularidades dos judeus enquanto grupo não se dissocia da pauta reivindicada pelas demais minorias, para com base nestas expectativas, calçar a edificação de uma sociedade justa. Este processo, não seria demasiado repetir isto, inclui diferentes grupos, povos e etnias. Saudações e Shalom para todos.



Instantâneo do Debate O Socialismo e as Minorias, na Câmara Municipal de São Paulo, aos 6 de Agosto de 1987. Da esquerda para a direita: Maurício Waldman, Dulce Pereira, Maurício Tragtemberg e Paul Singer (Foto de Vitor Benda, arquivo da Comissão de Assuntos judaicos do PT).

1 **O Socialismo e as Minorias**, ISBN: 1230001714296, resulta da transcrição de debate realizado no Plenário Pedroso Horta, da Câmara Municipal de São Paulo, capital, aos 6 de Agosto de 1987, no qual participaram Dulce Pereira, Paul Singer e Maurício Tragtemberg, posteriormente publicado na forma de capítulo na coletânea **Política das Minorias: O caso dos judeus no Brasil**. A presente edição deste texto foi masterizada em 2017 pela **Editora Kotev** (Kotev ©) para fins de acesso livre na Internet. Enquanto tal, incorpora regras atualmente vigentes quanto à norma culta da língua portuguesa, novas notas explicativas, cautelas de estilo e nove figuras, pré-requisitos e recursos indisponíveis e/ou inexistentes no momento em que a edição original de 1988 foi colocada em circulação. A formatação do material, contou com a Assistência de Editoração e Tratamento Digital de Imagens do *webdesigner* Francesco Antonio Picciolo, E-mail: francesco_antonio@hotmail.com, Site: www.harddesignweb.com.br. Anote-se que editorialmente, **O Socialismo e as Minorias** é um material gratuito, sendo nesta senda, vedada qualquer modalidade de reprodução comercial e igualmente, de divulgação sem aprovação prévia da **Editora Kotev** (Kotev©). A citação de **O Socialismo e as Minorias** deve obrigatoriamente incorporar referências bibliográficas conforme padrão modelar que segue: *O Socialismo e as Minorias. In: Política das Minorias: O caso dos judeus no Brasil, páginas 24-57. Maurício Waldman (Organização), Volume 7 da Série Tempo de Pensar. Porto Alegre (RS): coedição Mercado Aberto e Fundação Wilson Pinheiro, 1988.*

2 **MAURÍCIO WALDMAN** é antropólogo, jornalista, consultor ambiental, pesquisador acadêmico e professor universitário. Ambientalista histórico do Estado de São Paulo. Foi colaborador de Chico Mendes (1988), atuou como Coordenador de Meio Ambiente em 1991-1992 em São Bernardo do Campo (SP) e no ano 2000, como Chefe da Coleta Seletiva de Lixo na capital paulista. Nos anos 1990, participou no CEDI (Centro Ecumênico de Documentação e Informação), em movimentos em defesa da Represa Billings no Grande ABC Paulista e mobilizações ambientalistas no Estado de São Paulo. Entre 1988 e 1992, foi Coordenador do Comitê de Apoio aos Povos da Floresta. Antropólogo africanista, foi professor colaborador do Centro de Estudos Africanos da Universidade de São Paulo durante dez anos (2004-2014). Expressão de uma trajetória heterogênea, no ano de 2010, a partir de avaliação de pesquisadores dos EUA, integrou lista de 96 personalidades brasileiras com origem judaica, publicada na coletânea *Brazilian Jews* (Books LLC, USA: Memphis, Tennessee, 2010). Waldman ingressou no PT em 1986, rompendo com o partido em 1992. Ao longo deste período, desempenhou vários papéis na estrutura partidária, em consonância com ativismo social, intelectual e político-partidário. Foi Coordenador da Comissão de Assuntos Judaicos do PT (CAJU-SP), Administrador Geral do Diretório Regional do PT do Estado de São Paulo, Presidente do Diretório do PT de Vila Mariana (São Paulo, capital), Membro da Coordenação Nacional de Movimentos Populares, da Coordenação Nacional dos

Ecologistas do PT e Coordenador da Subsecretaria de Ecologistas do Diretório Regional do PT-SP. Maurício Waldman é autor de 17 livros, 26 *e-books* e mais de 700 artigos, textos acadêmicos e pareceres de consultoria. Na formação acadêmica de Waldman constam: graduação em Sociologia (USP, 1982), licenciatura em Geografia Econômica (USP, 1983), Mestrado em Antropologia (USP, 1997), Doutorado em Geografia (USP, 2006), Pós Doutorado em Geociências (UNICAMP, 2011), Pós Doutorado em Relações Internacionais (USP, 2013) e Pós Doutorado em Meio Ambiente (PNPD-CAPES, 2015).

Mais Informação:

Portal do Professor Maurício Waldman - www.mw.pro.br;

Maurício Waldman - Textos Masterizados: <http://mwtextos.com.br/>

Currículo Plataforma Lattes-CNPq- <http://lattes.cnpq.br/3749636915642474>;

Verbetes Wikipédia english - http://en.wikipedia.org/wiki/Mauricio_Waldman.

Contato - E-Mail: mw@mw.pro.br

3 **DULCE MARIA PEREIRA** (1954-), arquiteta, diplomata e comunicadora social, nasceu em São José do Rio Preto (SP). Destacando-se como ativista do movimento negro paulista, a partir dos anos 1980 manteve conexões com o Congresso Nacional Africano e os movimentos de libertação nacional da África. Nos anos 1990 rompeu com o PT, sem prejuízo do seu ativismo social e programático. Exerceu a secretaria-executiva da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), foi presidente da Fundação Cultural Palmares e colaborou com a reconstrução do Timor-Leste.

PAUL ISRAEL SINGER (1932-2018), nascido na Áustria, Singer atuou como professor e economista. Participou do movimento sionista de esquerda Dror Habonim e militou no Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, liderando a histórica greve dos 300 mil, no ano de 1953. Foi um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores, colaborando com as gestões de Luíza Erundina na capital paulista, e também de Lula e Dilma Rousseff na esfera federal. A partir de 2011, integrou a administração Dilma Rousseff enquanto Secretário Nacional de Economia Solidária do Ministério do Trabalho e Emprego.

MAURÍCIO TRAGTEMBERG (1929-1998), sociólogo e professor universitário gaúcho, com intensa atuação na esquerda brasileira. Militou no Partido Comunista Brasileiro, com o qual rompeu, participando da IV Internacional. Firmou-se posteriormente como pensador independente, libertário e questionador. Autor de inúmeros livros e textos, Tragtemberg destacou-se como intelectual crítico da burocracia acadêmica, pela qual nutria profundo desprezo. Foi animador da teoria pedagógica libertária, baseada na autonomia do indivíduo, na solidariedade e autogestão.

4 Mikhail Sergueievitch Gorbachev ou simplesmente Gorbachev (1931-) foi um destacado ator político da antiga União Soviética, conhecido por ter sido o último chefe de Estado deste país, o qual governou entre 1985-1991. A gestão Gorbachev distinguiu-se por tentativas de reforma no campo político (conhecida em russo como *Glasnost*: transparência) e no campo da política econômica (*Perestroika*: reconstrução). Embora

galvanizando vários segmentos da opinião pública do país, ambas não conseguiram deter a falência do regime soviético, induzindo ao término da permanência do Partido Comunista no poder, levando à dissolução da União Soviética, marcada pela secessão das antigas 15 repúblicas federadas. No plano das relações étnicas e culturais, ainda que Gorbachev tenha aberto espaço para a rediscussão do modelo federativo e do papel das diferentes nacionalidades do país no tecido político, tensões reprimidas durante décadas foram muito fortes, contribuindo decisivamente para o fim da União Soviética (Nota da edição de 2017).

5 Grão russo (ou grande russo) é outra forma de denominar os russos propriamente ditos, em contraposição aos chamados pequenos russos (ou ucranianos) e os russos brancos (ou bielo russos). Estes três grupos constituem nacionalidades eslavas, dentre as quais os grão russos são o grupo que historicamente exerceu o comando do Império Czarista.

6 Mirsaid Sultan Galiev, ou abreviadamente Sultan Galiev (1892-1940), foi um intelectual tártaro considerado arquiteto do “comunismo nacional muçulmano” no interior do Partido Bolchevique. Advogou em prol de um hipotético estado socialista muçulmano no papel de *pivot* de propagação do socialismo na Ásia, tendo por matriz conceitual a noção de “nações proletárias”. Em vários momentos Sultan Galiev entrou em choque com a linha predominante no partido, que estigmatizou suas ideias como “desvio nacionalista”. Após enfrentar prisões, julgamentos e o ostracismo oficial, foi finalmente fuzilado em 1940 (Nota da edição de 2017).

7 Em 1923, durante o XII Congresso do Partido Comunista, Josef Stálin identificou duas ameaças para o sucesso da política de nacionalidades: o chauvinismo grão russo e as diferentes manifestações nacionalistas existentes entre as dezenas de povos e culturas que compunham a União Soviética. Visando aplacar possível desestabilização do Estado soviético, encetou-se então uma vasta reordenação territorial visando contemplar anseios nacionais dos diferentes grupos, agrupados então em repúblicas federadas, repúblicas autônomas e regiões nacionais, ou então, garantindo-se direitos linguísticos e culturais. Todavia, muitos dos critérios adotados para a delimitação nacional da União Soviética são objeto de críticas. Algumas nacionalidades não foram reconhecidas enquanto que outras medidas de identificação étnica são controversas, como para os chamados tártaros da Ásia Central ou do Turquestão, que tradicionalmente se reconheciam como membros de um único grupo, mas divididos pelo regime soviético em cinco repúblicas (Turcomenistão, Cazaquistão, Uzbequistão, Tadjiquistão e Quirguistão). No mais, estas medidas foram bastante comprometidas pelo ascenso nacionalista russo no interior do Partido Comunista, ensejando o que passou a ser denominado como processo de russificação dos povos da União Soviética (Nota da edição de 2017).

8 Paul Lafargue (1842-1911), foi um jornalista e ativista franco-cubano. Atuou na Comuna de Paris (1871) e destacou-se como militante da II Internacional, sendo “O Direito à Preguiça” sua obra mais conhecida, intensamente difundida junto ao público leitor socialista (Nota da edição de 2017).

9 Forma abreviada de Mikhail Aleksandrovitch Bakunin (1814-1886), teórico anarquista nascido no seio da nobreza latifundiária russa. Oponha-se frontalmente ao marxismo, o qual julgava imbuído de caráter autoritário (Nota da edição de 2017).

10 Bauer defendia a existência de Estados multinacionais, contemplando, todavia, a autonomia cultural dos diferentes grupos étnicos. Atinha-se particularmente à cultura das “minorias proletárias”, que se formaram ao longo do processo de migrações internas das grandes massas de trabalhadores, que resistiam às políticas de assimilação forçada que existiam em muitos países europeus. Paralelamente, Bauer condenava vigorosamente os movimentos separatistas, muitas vezes fundados em doutrinas antiassimilacionistas, que entendia como contrárias à unidade da classe trabalhadora (Nota da edição de 2017).

11 Acrônimo de African National Congress (Congresso Nacional Africano, CNA em português), principal movimento de oposição ao regime de minoria branca na África do Sul. Fundado em 1940, teve na liderança de Nelson Mandela, o primeiro presidente africano da nova República da África do Sul (1994), sua representação mais icônica.

12 SWAPO é a sigla resultante, na língua inglesa, de South West Africa People's Organization (Organização Popular do Sudoeste Africano), que lutou desde os anos 1960 contra o domínio do regime racista sul-africano na Namíbia. Este país, sob comando da SWAPO, terminou por conquistar a independência em 1990, fortalecendo assim a destruição do regime do *Apartheid* sul-africano.

13 Os misquitos e outras minorias do litoral atlântico da Nicarágua sempre estiveram apartados em vários sentidos do restante do país, a começar pelo isolamento geográfico. O essencial da economia, da população e da vida urbana da Nicarágua concentrou-se, desde os tempos coloniais, na região banhada pelo Pacífico. O distanciamento da costa atlântica nicaraguense foi diversas vezes manipulado para direcionar as minorias da região, conhecida como Costa dos Mosquitos, dos Misquitos ou ainda Misquítia, contra o poder central de Manágua ou mesmo para promover o separatismo, apontando para a independência da Misquítia. Durante o processo sandinista, foi concedido um estatuto de autonomia para a região, medida que alcançou sucesso para o apaziguamento das tensões com o poder central do país.

14 UNITA é a sigla resultante da União Nacional para a Independência Total de Angola, organização que lutou contra o governo angolano do MPLA com auxílio da República Sul Africana. Atuou especialmente do sul de Angola, contando com um considerável apoio que dos grupos étnicos locais.

15 Em função do papel importante que o antissemitismo teve para a ideologia nazifascista, tornou-se comum para a extrema-direita procurar o uso do termo antissionista para atacar os judeus, disfarçando o conteúdo real do discurso político deste grupo que, evidentemente, continua antissemita. Lamentavelmente, a extrema direita copiou, neste caso, a farta produção “antissionista” da própria esquerda, em especial a proveniente da União Soviética. Uma série de estudos mostra inclusive que grande parte dos chamados antissionistas utilizam os mesmos argumentos que os antissemitas usavam no passado, dentre estes o controle mundial da informação pelos judeus, a ideia de uma conspiração internacional judaica e assim por diante. O sionismo, em ambos os casos, passou a ser um mero conceito metafísico a encarnar o mal absoluto, encarnado, pois, idêntica ordem de contraposições psicossociais.

16 Nos movimentos demográficos que conduziram os hebreus para fora da Palestina desde os tempos pré-romanos, estes interagiram étnica e culturalmente com diversos outros povos. Esta diáspora originou duas das mais conhecidas divisões do povo judeu: os *asquenazim*, judeus da Europa Oriental falantes do iídiche e imersos numa cultura predominantemente germânica e eslava, e dos *sefaradim*, que adotam o ladino e/ou o árabe como língua, impregnados de cultura ibérica, radicados principalmente nos países da orla do Mediterrâneo. Embora seguidores da mesma religião, o Judaísmo, *asquenazim* e *sefaradim* diferem sob os mais diferentes aspectos do ponto de vista cultural (Nota da edição de 2017).

17 A Bessarábia corresponde grosso modo à atual República da Belarus, localizada entre a Romênia e a Ucrânia, na Europa Oriental (Nota da edição de 2017).

18 No momento em que transcorria o evento, discutia-se a formatação da Constituição de 1988 (Nota da edição de 2017).

19 Contrariando uma ideia bastante difundida, a sociedade sul-africana não se divide exclusivamente entre brancos e negros. Há também uma significativa minoria de mestiços, especialmente na província do Cabo, região na qual nos primeiros séculos da colonização holandesa processou-se miscigenação numa escala ponderável. Este grupo, classificado como *coloreds* pelo sistema do *Apartheid*, são alvo de manipulação de modo a se oporem às etnias negras autóctones.

20 O bairro da Vila Maria, na zona norte da capital paulista, desponta historicamente como um tradicional reduto janista.

21 Locutor de crônicas policiais nas rádios paulistanas, Afanásio Iajadzi se tornou conhecido pelo tom sensacionalista de suas reportagens. Foi eleito para a Assembleia Estadual de São Paulo em 1986, com uma votação extraordinária. Exerceu o mandato de deputado estadual entre 1987 e 2007 pelo PDS, PST e PFL, com cinco legislaturas seguidas. Em 2006, candidatou-se ao mesmo cargo, mas não se elegeu.

CONHEÇA A SÉRIE POLÍTICA & SOCIEDADE



<http://mwtextos.com.br/serie-politica-sociedade/>

An advertisement for Editora Kotev. The background image shows a woman with long, dark, curly hair wearing a black jacket and scarf, looking down at a smartphone in her hands. The text is overlaid on the right side of the image.

EDITORA KOTEV
**Sintonizada com
o Futuro Digital**



EDITORA KOTEV
INFORMAÇÃO ÚTIL, ÁGIL E INTELIGENTE

SAIBA MAIS SOBRE A EDITORA KOTEV. <http://kotev.com.br/>